



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO PLENA EM HISTÓRIA

**“NÃO É A VERDADE QUE IMPORTA, MAS A VITÓRIA”: IMAGENS DE
ADOLF HITLER NO CINEMA E NA HISTORIOGRAFIA (1900 – 1945)**

JOÃO BATISTA DIAS VIEIRA

**CAJAZEIRAS-PB
2017**

JOÃO BATISTA DIAS VIEIRA

“NÃO É A VERDADE QUE IMPORTA, MAS A VITÓRIA”: IMAGENS DE ADOLF
HITLER NO CINEMA E NA HISTORIOGRAFIA (1900 – 1945)

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Graduação em História pela Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande UFCG/PB, como requisito para obtenção de nota.

Orientador: Prof. Ms. Isamar Gonçalves Lôbo

CAJAZEIRAS-PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764

Cajazeiras - Paraíba

V658n Vieira, João Batista Dias.

“Não é a verdade que importa, mas a vitória”: imagens de Adolf Hitler no cinema e na historiografia (1900 – 1945) / João Batista Dias Vieira. - Cajazeiras, 2017.

69f.: il.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Ms. Lôbo, Isamarc Goncalves.

Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2017.

1. Hitler. 2. História. 3. Cinema. 4. Nazismo. I. Isamarc Gonçalves Lôbo. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 929

JOÃO BATISTA DIAS VIEIRA

“NÃO É VERDADE QUE IMPORTA, MAS A VITÓRIA”: IMAGENS DE ADOLF
HITLER NO CINEMA E NA HISTORIOGRAFIA (1900 – 1945)

Aprovado em 09 / 10 / 2017



Prof Ms. Isamarc Gonçalves Lôbo
Orientador



Profª Drª. Viviane Gomes de Ceballos
Examinadora



Prof. Dr. Israel Soares de Sousa
Examinador

Prof. Dr. Rodrigo Ceballos
(Suplente 1)

CAJAZEIRAS

2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me conceder sabedoria, saúde e ter me dado forças para alcançar tal objetivo. Agradeço também a minha família pelos incentivos constantes. A minha esposa que sempre me incentivou e foi compreensiva nos momentos difíceis, aos meus filhos pela ajuda dada nos momentos em que precisei e foram grandes incentivadores. A minha mãe e meu pai que se sentem orgulhosos pelo objetivo alcançado, amo eles demais – grato também aos meus irmãos que do jeito deles sempre torceram pelo meu sucesso.

Agradeço a minha turma 2009.2, pois, vivemos bons momentos juntos, agradeço aos colegas que me indicaram textos, sites, livros e todo material relacionado com minha temática, não citarei nomes para não cometer nenhum tipo de injustiça, pois, muitos colegas me ajudaram nessa árdua empreitada.

Agradecer ao corpo docente da UFCG, especificamente do Curso de História – agradecer à todos os professores com quem tive a honra de estudar: In memoriam Paccelli Gurgel, Chico Luiz, Mariana Moreira, Rosilene, Rosemere, Firmino Neto, Isamarc Lôbo, o casal Ceballos (Rodrigo e Viviane), Francinaldo Bandeira, Silvana Vieira, Rubismar Galvão, Geraldo (Libras), Osmar e Nozângela – grato por todo conhecimento passado, pelas indicações de livros, pela paciência. Agradecer aos funcionários da instituição pelos serviços prestados e dedicação no atendimento. Agradecer a Coordenação de História, sempre que precisei fui muito bem atendido, com muita educação e respeito.

Agradecimento especial a Viviane Gomes de Ceballos por ter sido minha orientadora no começo da monografia, sou grato por tudo que fizeste, pela pessoa maravilhosa que és, não esqueço que foi a única que aceitou pegar meu tema.

Agradecer também ao grande mestre e futuro doutor Isamarc Lôbo, um “cara” de uma ética invejável, professor de grande talento, aprendi muito nas suas disciplinas, pena que paguei poucas cadeiras com ele. Sou grato por você ter me aceitado como orientando no momento em que mais precisava e estava na angústia, peço desculpas pelos momentos em que fui inconveniente.

Por fim agradecer aos colegas de outros cursos (Letras, Geografia, Pedagogia, etc.) que também contribuíram para a construção e desenvolvimento desse trabalho, com dicas de filmes, incentivos, matérias de jornais, livros, artigos, etc.

RESUMO

Hitler até hoje para muitos é uma incógnita, como pode chegar ao poder e dominar a Europa? Todos os alemães o veneravam? Todos eram de acordo com seus métodos? Diante disso, o trabalho pretende responder algumas questões relacionadas a figura do ditador odiado por muitos. A relação entre cinema e história pode ajudar a responder algumas questões. O trabalho é embasado por escritores que são verdadeiras autoridades sobre o nazismo e a figura de Hitler, usando também de filme para dar mais credibilidade ao trabalho. O resultado é bem interessante e convidativo, trabalhar cinema e história é algo complexo e desafiador, são vertentes de estudo que se aproximam e se distanciam. A conclusão da pesquisa mostra a força que a comunicação tem, seja através de livros ou de filmes – Hitler soube muito bem usar esse veículo para chegar ao poder, historiadores e cineastas estão chegando mais próximo um do outro, deixando de lado algumas diferenças. O trabalho contribuirá para pesquisas futuras sobre as mulheres no nazismo.

Palavras Chave: Hitler; história; cinema; nazismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1	4
Hitler na história ou a história de Hitler	4
E o mito se faz na história Alemã	4
O poder da oratória.....	8
Hitler o grande estrategista.....	11
Organização e disciplina para implantação do governo ditatorial	14
CAPÍTULO 2	21
Descrevendo o filme - A Queda! As últimas horas de Hitler	21
A secretária que sabia demais	23
O começo da queda	27
A face do ditador pelo olhar do diretor	31
Os fiéis e infiéis do ditador	35
O caos toma o bunker.....	37
A maior de todas as traições, o casamento com Eva e Goebbels o fiél	39
Buscando esperanças, a ordem macabra, Eva Braun e Traudl Junge	40
A morte de Hitler, as consequências e a rendição da Alemanha.....	41
CAPÍTULO 3	46
Cinema e história, uma relação possível do século XX.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS 4.....	58
BIBLIOGRAFIA	60
SITES UTILIZADOS.....	61

INTRODUÇÃO

O século XX foi marcado por grandes acontecimentos históricos, o mundo parecia estar em ebulição no século passado. Vários fatos importantes aconteceram, exemplificarei alguns: A chegada do homem à lua em 16/07/1969, a descoberta acidental da penicilina em 28/09/1928, o primeiro voo dos irmãos Whight em avião movido a gasolina em 17/12/1903, a Primeira Guerra Mundial que teve início em 28/06/1914, a Segunda Guerra Mundial iniciada em 01/09/1939, a queda do muro de Berlim em 09/11/1989¹etc. Os dados acima são uma pequena mostra o que foi o século XX, e infelizmente, as guerras foram presentes, ceifando milhões de pessoas pelo mundo.

O tema escolhido é algo que ainda instiga pesquisadores e historiadores pelo mundo. A pesquisa trata da figura de Adolf Hitler, líder nazista que colocou a Alemanha no centro das atenções mundial, com seu poderio bélico e uma vontade insana de conquistar a Europa e o mundo. A proposta da pesquisa é mostrar através da historiografia e cinema o surgimento e queda do ditador nazista, o lado político que o tornou forte e implacável, a organização e idolatria dos subordinados de Hitler, como Hitler transformou a Alemanha antes desacreditada numa potência respeitada e temida durante a Segunda Guerra Mundial, e como foram as frustrações de Hitler mostrada no filme – “A Queda: As últimas horas de Hitler, do ano de 2004”. Filme baseado em relatos e memória de Traudl Junge, que foi secretária particular do ditador nazista. E na historiografia escolhida para desenvolvimento do tema.

O recorte temporal da pesquisa apresentada é em torno de 45 anos, começa em 1900 e termina em 1945, pois, o trabalho fala do surgimento de Adolf Hitler e do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, popularmente chamado de Partido Nazista. Como Hitler chegou ao poder? Que meios foram utilizados? Porque tanta idolatria dos alemães na época? Enfim, questões que mexem com historiadores e cineastas até hoje, o nazismo é tema recorrente de pesquisas, estudos e obras filmicas - a proposta de pesquisa é mostrar a ascensão e queda do poder conquistado por Adolf Hitler e conseqüentemente o fim do Terceiro Reich até sua queda no ano de 1945. O que intriga historiadores e cineastas da temática do trabalho, é como, Hitler pode acontecer, qual a mentalidade do povo alemão da época?

¹ Dados retirados do site <http://www.em10taque.com/10interessante/10-acontecimentos-marcantes-no-seculo-xx> - acessado em 27/09/2017.

Talvez tudo tenha acontecido devido a fragilidade da Alemanha por ocasião do Tratado de Versalhes, quando Hitler surge, a Alemanha pós a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), era um país oprimido e sem perspectivas devido às exigências do Tratado de Versalhes², que lhe impôs penalidades. Sobre estes aspectos e com as dificuldades do povo alemão, começam a surgir os conflitos sociais – a Alemanha na época do Tratado de Versalhes era uma nação com milhões de desempregados e um povo sedento por revolução e com uma mentalidade de renovação para a situação em que vivia o povo alemão. Portanto nesta perspectiva o movimento político alemão tem um crescimento considerável, e começam a aparecer os partidos políticos ultranacionalistas, com o intuito de combater o socialismo.

O objetivo geral do trabalho é mostrar a visão de historiadores e cineasta, no caso o diretor Oliver Hirschbiegel nascido na cidade de Hamburgo na Alemanha, no ano de 1957, sobre a figura de Adolf Hitler, buscando a inter-relação da historiografia voltada para estudo do nazismo e seu líder e cinema que trata da mesma temática. A objetividade específica do trabalho é mostrar de forma clara o surgimento da figura de Adolf Hitler, como foi a fundação do Partido Nazista, como Hitler chegou ao poder, como é mostrado a figura do ditador no filme e como foi seu final.

Portanto a discussão é bem interessante e atrativa, relacionar cinema com história é antes de tudo um desafio, e algo instigante, é ter duas visões de fatos que aconteceram e marcaram um período, e até mesmo a humanidade. No caso da figura de Hitler isso realmente aconteceu, marcou-se um período entre 1930 a 1945 – e marcou também a humanidade, por que até hoje surgem pesquisas e teses sobre o nazismo e sobre a mente do seu mentor maior que foi Adolf Hitler. É relevante falar dessa temática devido ser algo recente, afinal só fazem 72 anos da morte de Hitler, isso para história é muito novo. E devido também a proporção que foi o regime ditatorial nazista, as sequelas e feridas estão abertas até hoje, por isso, tanto estudo acontece envolvendo o tema e seus personagens.

A metodologia utilizada na pesquisa foi revisão bibliográfica, através de livros, artigos científicos, monografias e teses, filmes relacionados com o tema, sites, blogs de

² Assinado em 28 de junho de 1919, o Tratado de Versalhes foi um acordo de paz assinado pelos países europeus, após o final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Neste Tratado, a Alemanha assumiu a responsabilidade pelo conflito mundial, comprometendo-se a cumprir uma série de exigências políticas, econômicas e militares. Estas exigências foram impostas à Alemanha pelas nações vencedoras da Primeira Guerra, principalmente Inglaterra e França. Em 10 de janeiro de 1920, a recém criada Liga das Nações (futura ONU) ratificou o Tratado de Versalhes.

<http://www.brasilecola.com/historiag/tratado-versalhes.htm> - acessado em 21/11/2011.

internet, notícias de jornais, etc. Tudo que tem relação com a temática e que agregue valor ao trabalho.

A estruturação do trabalho foi pensada em 03 capítulos – o primeiro aborda o surgimento do líder nazista Hitler e todo o desenvolvimento que o fez chegar ao poder. O segundo é a apresentação e descrição do filme que trata dos últimos dias de Hitler, mostrando a agonia e desespero dos que ficaram ao lado do ditador nazista dentro do bunker, e por fim o terceiro capítulo foi pensando em mostrar a discussão entre história e cinema, mostrar o cinema como fonte de pesquisa e de que forma o historiador pode obter esta relação.

CAPÍTULO 1

Hitler na história ou a história de Hitler

Falar de uma figura tão marcante não é fácil, ainda mais pela complexidade dos fatos que fizeram de Adolf Hitler uma das personalidades mais estudadas. Entendê-lo é algo impossível, muitos historiadores tentam desvendar, ou ao menos buscar respostas para os atos cometidos pela insanidade e ganância deste ícone do século XX, que na busca de um poder absoluto e totalitário tornou-se controverso em vida e na morte.

Para falar de Hitler temos que entender qual a situação que o fez se tornar um líder idolatrado, temido, respeitado, impondo normas e regras que são contestadas pelos estudiosos do sistema nazista. Nosso objetivo aqui é pensar sobre a vida deste ser que foi emblemático, admirado por muitos e odiado por diversas nações.

E o mito se faz na história Alemã

A Alemanha depois da Primeira Guerra Mundial foi sentenciada pelo Tratado de Versalhes a várias penalidades tais como: redução de limite do exército para 100.000 soldados, proibição do uso de aviões e blindados, acabou com o alistamento obrigatório, redução do efetivo da Marinha de Guerra, proibição de armas letais, não podia possuir submarinos, etc. (PAUBEL, 2010). Estas penalidades tornaram o Estado alemão fraco e seu povo desmoralizado perante outros países europeus e não europeus.

Segundo Dick Geary (2010), no livro “Hitler e o Nazismo”, dentro desse quadro de instabilidade econômica, social e militar, Hitler apareceu com ideias revolucionárias e reacionárias, buscando reerguer a Alemanha e fazê-la voltar ao patamar de superpotência europeia. Adolf Hitler nasceu na Áustria sendo filho de funcionário público, um aduaneiro, e de uma dona de casa de classe média. Segundo Paubel (2010, p. 18)

Adolf tentou ingressar na Academia de Belas Artes, mas foi reprovado no exame de admissão, de modo que retornou para a casa de sua mãe, cujo estado de saúde não era bom. Neste mesmo ano, Klara morre, deixando Adolf desolado pela morte da única pessoa que amava no mundo. Ele deixa

Linz definitivamente e tenta a sorte mais uma vez em Viena. Em 1908, Adolf é novamente reprovado no exame de admissão e começa a viver graças a uma pensão de órfão do governo e do dinheiro enviado por sua tia Paula.

Segundo Martin Claret (2006), editor do livro “Hitler por ele mesmo”: Hitler teve rendimentos escolares medianos nos anos de 1900 e 1901 o que desgostou o pai que almejava para ele a mesma profissão de aduaneiro.

Hitler não tinha um bom relacionamento com o pai que sempre foi severo e de temperamento rígido. Segundo Paubel (2010) e Claret (2006) Hitler sonhava na infância, em ser artista e não um burocrata como queria o seu pai. A morte da mãe em 21 de dezembro de 1907, o faz deixar a cidade de Linz e tentar a sorte em Viena. Ainda segundo Claret (2006) não foi fácil para o jovem Hitler, discriminado pela classe burguesa, com alguns sonhos não alcançados e desilusão em decorrência da perda dos pais. Teve que conviver com pessoas que viviam à margem da sociedade – morou em pensões simples, trabalhou carregando malas, pintando letreiros, retirando neve, dentre outros. A cidade de Viena vivia duas realidades de um lado:

Segundo Claret (2006, p.30)

[...] é uma metrópole com aproximadamente dois milhões de habitantes. Capital do império e centro industrial entre os maiores da Europa, a cidade está vivendo os últimos anos da sua despreocupada “doce vida”: valsas e operetas, cafês, concertos e passeios às margens do “belo Danúbio Azul”, duelos e escândalos mundanos.[. Do outro] atrás dessa brilhante fachada, está uma triste realidade: um milhão de pequenos empregados e operários que vão vivendo uma vida meramente de subsistência; e mais a massa dos deserdados, vagabundos e delinquentes de todas as raças.

Ainda segundo Claret (2006, p. 30)

É nesse ambiente que Adolf Hitler passa sua vida entre os vinte e os vinte e quatro anos. Deixou o quarto na Stumpergasse onde morava com o amigo August, e logo teve de abandonar também o quarto alugado na Simon Denk Gasse. Sua única renda fixa – até os vinte e um anos – é a pensão de 25 coroas que recebe como órfão, mais ou menos equivalente à metade do pagamento mínimo de um servente de pedreiro. Desse modo, arruma-se como pode para juntar algumas coroas: removendo neve, carregando malas na estação, pintando pequenos quadros, sendo servente de pedreiro. Dorme

em um dormitório público, na Meldemannstrasse; como no convento dos frades da Gumpendorferstrasse; não bebe e não fuma, mas, tão logo lhe sobra uma coroa, corre a se empanturrar de docinhos recheados de creme.

Segundo Geary (2010, p. 12), Hitler tinha um sentimento nacionalista e patriota alemão muito forte ao ponto de “[...] fugiu para Munique em 1913, para evitar o alistamento no exército austríaco. A sua fuga não foi um simples ato de covardia, pois, com a eclosão da guerra, em agosto de 1914, correu para se alistar no exército bávaro.

Com base em Paubel (2010, p.20)

No front, Hitler atuou como mensageiro. Não era uma tarefa fácil, contudo, já que esta função exigia percorrer as trincheiras durante o fogo inimigo. Hitler foi descrito por seus camaradas de batalha como isolado, mal-humorado e patriota. Em 1914, ele ganhou a Cruz de Ferro de Segunda Classe, por recomendação de seu oficial, o Tenente Hugo Gutmann, por proteger a vida de um comandante enquanto este corria risco sob fogo inimigo. Em setembro de 1917, Hitler recebeu a Cruz Militar de Terceira Classe com Espadas. Em maio de 1918, Hitler foi agraciado com o Prêmio Regimental por Bravura Reconhecida e Medalha para os Feridos. Em agosto de 1918, Hitler recebeu a condecoração de sua vida, a Cruz de Ferro de Primeira Classe, que ostentaria pelo resto de sua vida, e que lhe foi dada por levar uma mensagem de vital importância de um posto a outro sob intenso fogo de artilharia inimigo. De qualquer modo, no final do conflito, Hitler acabou sendo ferido em combate e hospitalizado em Pasewalk. Durante a convalescença, recebeu a notícia do armistício alemão, o que lhe deixou profundamente revoltado com o que classificou de traição dos social-democratas e dos judeus.

Do exposto, podemos inferir que Hitler defendeu e serviu sua pátria com bravura e determinação, as missões dadas a ele não eram fáceis, pois, como mensageiro, estava em constante fogo cruzado. Suas condecorações foram fruto de seu empenho e valentia, buscando sempre cumprir o que lhe foi determinado pelos seus comandantes. Hitler foi um dos destaques do exército alemão durante a Primeira Guerra Mundial. Com a notícia do armistício, Hitler culpa a classe política alemã da época, pelas sanções impostas a nação alemã no Tratado de Versalhes – quando Hitler se recupera dos ferimentos de guerra, volta para o exército; passa por um curso de oratória com intuito de trabalhar disfarçado. Nesta nova empreitada, ele tinha como missão delatar aos seus superiores os líderes dos movimentos comunistas e radicais que ameaçam a integridade da Alemanha. Em Munique no ano de 1919, Hitler acabou envolvendo-se com o *Partido dos*

Trabalhadores Alemães (DAP) que o leva ao mundo da política. Faz contatos com nacionalistas que tinham os mesmos ideais e propostas parecidas com as suas. É neste ambiente que conhece Anton Drexler líder do DAP, um nacionalista e racista ferrenho. Foi deste encontro que se alinhavou o que seria o Partido Nazista.

A retórica de Hitler o torna bem visto por parte dos companheiros do partido o que facilita sua ascensão a direção do DAP. Com todo respeito e admiração conquistado dentro do partido, Hitler muda o nome do partido e torna-se líder.

Segundo Paubel (2010, pp. 55-56), a mudança no nome do partido aconteceu no mês de fevereiro de 1920, então surgiu o *Partido Nacional –Socialista dos Trabalhadores Alemães* (NSDAP), que ficou popularmente conhecido com **nazi**. Hitler, Drexler e Feder criaram e estabeleceram os “25 pontos” do programa do novo partido.

1. A união de todos os alemães numa Grande Alemanha.
2. A rejeição do Tratado de Versalhes e a afirmação do direito da Alemanha de negociar com outras nações.
3. A exigência por territórios adicionais para a produção de alimentos e assentar a população alemã em excesso (Lebensraum).
4. Cidadania determinada pela raça; exclusão dos judeus da categoria cidadãos alemães.
5. Não-alemães na Alemanha serem considerados apenas convidados sujeitos às apropriadas leis estrangeiras.
6. Posições políticas e militares serem preenchidas de acordo com o caráter e qualificação, e não por nepotismo político.
7. A qualidade de vida dos cidadãos ser o primeiro objetivo do Estado. Se os recursos do Estado fossem estendidos, não-cidadãos deveriam ser excluídos dos benefícios do Estado.
8. Imigração não-alemã deveria ser interrompida.
9. Direitos e deveres iguais para todos os cidadãos.
10. Cada cidadão trabalhar para o bem comum.
11. Toda renda não adquirida pelo trabalho ser confiscada.
12. Todos lucros com a guerra ser confiscados.
13. Todos os trustes (monopólios financeiros ou industriais) serem nacionalizados.
14. Distribuição de lucros em todas as grandes empresas.
15. Aposentadoria justa para idosos.
16. Pequenos negociantes e comerciantes serem fortalecidos e grandes lojas de departamentos serem cedidas para eles.
17. Reforma agrária e fim da especulação com as terras.
18. Perseguição feroz contra criminosos e morte para agiotas.
19. A lei romana, que é materialista, ser substituída pela “ Lei Alemã”.
20. Reconstrução do sistema educacional nacional.
21. O Estado deveria assistir a maternidade e encorajar o desenvolvimento dos jovens.
22. A abolição de um exército profissional pago e a formação de um Exército Nacional.

23. Os jornais devem pertencer a proprietários alemães; não-alemães proibidos de trabalhar neles.
24. Liberdade religiosa, exceto para as religiões que ameaçam a raça alemã; o partido não está ligado a nenhum credo em particular, mas luta contra o materialismo judaico.
25. Um governo central forte para a execução de uma legislação eficiente”.

Fazendo uma análise do programa partidário do NSDAP, vemos que a unificação da Alemanha é algo que Hitler almeja, sobretudo através do controle dos cidadãos. Um dos pontos do programa estabelecia a exclusão dos judeus como cidadãos alemães e seus costumes religiosos.

O programa buscava também combater o materialismo impondo pena capital para os agiotas e confisco da renda adquirida através da agiotagem. Segundo os pontos 9 e 10 o nazismo propunha igualdade para todos os alemães e o bem comum. Socialista, o Nazismo propunha ajuda aos pequenos comerciantes, distribuição de lucros com os operários das grandes empresas alemãs, aposentadoria digna para idosos e reforma agrária.

O programa tinha pontos voltados para a qualidade de vida do povo alemão, o Partido pensou em fortalecimento nacional com a criação de um exército forte, e leis severas contra criminosos. Vemos que o programa também era voltado para a centralização do poder e contra a liberdade de imprensa.

Assim, com esse programa, o NSDAP cresceu politicamente e atingiu altos índices de aceitação por parte dos alemães.

Para Geary (2010, p.12)

[...] tanto o seu novo nome quanto o seu programa deixavam claro, o partido pretendia combinar elementos nacionalistas e “socialistas”. Reivindicava não apenas a revisão do Tratado de Versalhes e a devolução dos territórios perdidos como resultado do tratado de paz (partes da Polônia, Alsácia e Lorena), mas também a unificação de todos os alemães étnicos em um único Reich. Os judeus deveriam perder a cidadania e os cargos públicos, ao passo que aqueles que tivessem chegado à Alemanha a partir de 1914 deveriam ser deportados, a despeito do fato de muitos judeus alemães terem lutado com distinção do lado alemão durante a Primeira Guerra Mundial.

O poder da oratória

A Alemanha nesta época passava por fortes e violentas agitações políticas, Hitler soube tirar proveito dessas situações, com discursos ensaiados e inflamados, cheios de ira e ódio, contra os que eram contrários a ideologia do partido. Segundo Claret (2006) as ideologias políticas comunistas estavam em ascensão, a Alemanha vivia sob levantes que queriam transformá-la em Estado Comunista típico soviético. O programa do Partido Nazista além de combater a ideologia comunista, deixava alemães esperançosos, Hitler soube usar cada ponto descrito no programa para atrair eleitores e simpatizantes, que levantaram a bandeira do “regime nazista”.

Tais discursos conquistavam a massa, que viam na figura de Hitler esperança e prosperidade, para um povo sedento por empregos, como também melhores condições financeiras, a volta da estabilidade econômica, enfim, a massa queria a volta da dignidade. Com todo o aparato do partido e da situação na qual se encontrava a Alemanha depois do Tratado de Versalhes, Hitler consegue montar uma estratégia, trazer para o partido um número significativo de filiados, tornando-o com visibilidade e futuramente forte, para ganhar cada vez mais a confiança do povo alemão e da classe burguesa, que era seu alvo principal, por ser rica, influente e forte.

Seus contatos políticos ficam cada vez mais fortes, conhece pessoas influentes que futuramente viriam incorporar o movimento nazista, pessoas que tinham os mesmos pensamentos antissemitas e raciais. Segundo Geary (2010, p. 13),

Durante o seu período em Munique, Hitler também entrou em contato com diversas pessoas que, subsequentemente, viriam a ser de grande importância para o movimento nazista. Alguns deste tornaram-se seus amigos ao longo da vida: Hermann Göring, um célebre piloto de combate durante a Primeira Guerra Mundial, com contatos influentes na sociedade burguesa de Munique; Alfred Rosenberg, o ideólogo do movimento; Rudolf Hess, que, na verdade, servira no regimento de Hitler durante a guerra; e família Bechstein de fabricantes de piano. Dentre os mais importantes dos seus associados, na ocasião encontrava-se Ernst Röhm, do *staff* do exército, em Munique, que recrutou antigos soldados e membros dos *Freikorps* (os *Freikorps* haviam sido utilizados para reprimir os levantes esquerdistas em 1918-19) para o movimento e, desta forma, estabeleceu a *Sturmabteilung* ou AS, a organização nazista de tropas de assalto, responsável por ampliar, de maneira significativa, a influência de um partido inicialmente pequeno. Todas essas pessoas compartilhavam a visão de Hitler de que a Alemanha fora traída e enfrentava, agora uma “ameaça vermelha”.

O Partido Nazista começa com propostas voltadas para as classes menos favorecidas, como os camponeses, operários e a classe média, tudo isto com intuito de ganhar popularidade. Hitler sabia que ganhando o carisma da população alemã, era mais fácil subir ao poder e ter uma boa governabilidade, tudo foi pensado estrategicamente. O partido fazia de tudo para tornar Hitler numa figura popular, e aos poucos vão conseguindo êxito, a popularidade de Hitler aumenta, e cada vez mais pessoas querem ouvir os discursos do jovem que almeja uma Alemanha forte economicamente e respeitada. Geary (2010, p.15)

A maneira de se ganhar a aprovação e o apoio das massas sob tais circunstâncias não era por meio de detalhes factuais nem por sofisticação lógica. Ao contrário, o caminho mais efetivo para a aceitação popular encontrava-se na repetição contínua das ideias mais simples e veementes. Se você vai mentir, então conte uma grande mentira e não hesite em repeti-la. Este argumento funcionaria porque, para Hitler, as massas eram “femininas”. Em sua visão sexista, as mulheres eram influenciadas não por seus cérebros, mas por suas emoções”.

Manipulação e controle total era o que almejava Hitler, que tentou um golpe de Estado chamado de *Putsch de Munique* ou *Putsch da Cervejaria*³, golpe este, que foi frustrado pelos militares bávaros. Para Geary (2010) a punição pela tentativa de golpe fez com que o Partido Nazista fosse banido e conseqüentemente seu líder preso, julgado pelo crime de alta traição, contra a democracia de Weimar. Mas a pena foi branda, Hitler foi sentenciado minimamente e ainda conseguiu uma boa reputação perante os extremistas de direita, que faziam oposição ao governo democrático da República de Weimar⁴. Ainda com base em Geary (2010, pp. 14-15) durante a prisão, Hitler dita a um colega o que os historiadores do sistema nazista chamam de “bíblia” nazista - o *Mein*

³ Em novembro de 1923, há exatos 83 anos, aconteceu o lendário Putsch de Munique, quando pela primeira vez Hitler tentou tomar o poder na Alemanha. A república de Weimar assistiu pasma ao golpe do recém-fundado Partido Nacional-Socialista, que só naquele ano teve 35 mil novas adesões. Hitler contou com o apoio de 15 mil homens S.A., a tropa de assalto do partido nazi.

www.usp.br/jorusp/arquivo/2006/jusp783/pag1213.htm - acessado em 07/08/2016.

⁴Foi no ano de 1919 que também se constituiu na Alemanha a chamada **República de Weimar**, um sistema de governo bem diferente do Império Alemão pré-guerra e que pretendia resolver, dentro do possível, os graves problemas que o país enfrentava na fase do pós-guerra. O objetivo mais urgente era reorganizar as estruturas política e econômica da Alemanha, e a opção pelo modelo republicano pareceu, àqueles que se envolveram no processo, a melhor.

<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/republica-weimar.htm> - acessado em 07/08/2016.

Kampf (Minha Luta) uma espécie de autobiografia, aparecem descritas suas origens e ideais. A ideologia é o ponto forte da obra, pois, retrata todo pensando de Hitler quanto a etnias, pureza e raça.

Mein Kampf (“Minha Luta”) dificilmente é uma das grandes obras de teoria política. O seu estilo é crasso e, em suas primeiras edições, estava cheio de erros gramaticais. Sem sutilezas de qualquer tipo, a obra repete várias vezes os preconceitos mais vulgares e as mentiras mais grosseiras. Usa indistintamente palavras que na verdade têm significados distintos (povo, nação, raça e tribo) e baseia a maioria dos seus argumentos não em evidências empíricas, mas em analogias (geralmente falsas). No pouco de estrutura que o livro possui, a primeira parte é vagamente autobiográfica e a segunda, um relato do início do NSDAP.

Apesar de todos os problemas Hitler sai fortalecido da prisão, sua fama aumenta, anos mais tarde as punições impostas ao Partido Nazista acabam, e Hitler tem o direito de falar em público novamente. Para Lenharo (1986) no seu livro “Nazismo – o triunfo da vontade”, com a crescente aceitação dos eleitores pelo Partido Nazista – Hitler e membros do partido viram que a melhor forma de chegar ao poder era através da democracia, embora que, quando Hitler alcança o poder, todo discurso democrático é meramente mais uma das mentiras e estratégias para a tão sonhada ascensão, e logo, Hitler torna-se ditador. Reforçando Lenharo (1986), Geary (2010, p. 22) no livro “Hitler e o nazismo diz:

Quando Hitler saiu da prisão, em dezembro de 1924, sua posição, dentre os vários grupos de extrema direita na Alemanha, era relativamente forte. A sua performance durante o julgamento foi amplamente admirada nos círculos nacionalistas, enquanto o Partido Nazista estava em um estado de crise durante a sua prisão, proibido por lei e sem uma forte liderança. O fracasso dramático do *Putsch* da Cervejaria convenceu Hitler de que o caminho para o poder passava pelo processo democrático, mesmo que o seu último objetivo permanecesse sendo a destruição da democracia parlamentar. Esse *insight* ele levou ao partido, na sua reinauguração, em Munique, em 27 de fevereiro de 1925, quando a proibição do NSDAP terminou.

Hitler o grande estrategista

Em 1924 Hitler buscou uma nova estratégia para chegar ao poder, e percebeu que os meios de comunicação podiam levar suas ideias mais longe e atingir uma população maior dentro da Alemanha. Conforme Lenharo (1986) o país teve uma estabilização econômica entre os anos de 1924 a 1929, devido a injeção de grande capital através de empréstimos (20 bilhões de dólares) por parte da Inglaterra e do Plano Dawes⁵ dos Estados Unidos, com isso, a produção industrial aumenta e a inflação fora controlada – cresce a esperança de uma nova Alemanha na mentalidade dos alemães da época.

Junto com a cúpula do partido, Hitler soube traçar uma propaganda eleitoral que atingisse toda classe alemã, e foi ganhando simpatizantes e eleitores. Sendo assim, o Partido Nazista torna-se forte e a cada eleição sobe nas pesquisas e ganha força dentro do parlamento alemão.

Em 1929 a crise volta a castigar o país com a quebra da Bolsa de Nova York, a Alemanha outra vez estava vulnerável economicamente. Segundo Lenharo (1986, p. 25), no livro *“Nazismo - o Triunfo da Vontade”*, mostra que o “fantasma” do desemprego e a queda na produção capitalista era preocupante e que os políticos alemães viviam sob forte pressão dos burgueses, que quiseram a redução dos salários e o prolongamento da jornada de trabalho, causando revolta e ira na classe operária alemã. Esta situação era favorável para o Partido Nazista e o seu líder, que logo tratou de atacar o governo da época.

A propaganda eleitoral nazista insistia no nacionalismo revanchista, mas não se descuidava de oferecer trabalho aos desempregados, financiamento aos agricultores, isenções fiscais aos industriais. As intenções moralistas de proteção à família, respeito à religião e defesa da propriedade privada também se achavam presentes.

A grande base para o sucesso e ascensão de Hitler foi a propaganda, neste meio de comunicação tão forte, ele soube tirar proveito dos adversários, do contexto e dos alemães havidos por um estado forte voltado para o bem de todos.

⁵Recebeu o nome de **Plano Dawes** um plano provisório de ajuda econômica direcionado à Alemanha do pós-Primeira Guerra Mundial, com o intuito de que esta pudesse reerguer sua economia e pagar as dívidas e reparações a ela imputadas.

O alvo desta propaganda foi a grande massa, a população alemã que na época vivia momentos difíceis depois da crise financeira de 1929, dentro desse cenário - Hitler montou o ataque propagandístico visando ganhar mais eleitores e fortalecer o Partido Nazista.

Segundo Lenharo (1986, p. 47-48) diz que:

Hitler considerava que a propaganda sempre deveria ser popular, dirigida às massas, desenvolvida de modo a levar em conta um nível de compreensão dos mais baixos. “As grandes massas” dizia ele “têm uma capacidade de recepção muito limitada, uma inteligência modesta, uma memória fraca”. Por isso mesmo, a propaganda deveria restringir-se a pouquíssimos pontos, repetidos incessantemente. Se eram muitos inimigos a serem atacados, para não dispersar o ódio das massas seria preciso mostrar que eles pertenciam à mesma categoria, não ficando assim individualizado o adversário.

O essencial da propaganda era atingir o coração das grandes massas, compreender seu mundo maniqueísta, representar seus sentimentos. A massa seria como as mulheres, cuja sensibilidade não captaria os argumentos de natureza abstrata, mas seria tocada por uma “vaga e sentimental nostalgia por algo forte que as complete”.

Tudo interessa no jogo da propaganda: mentiras, calúnias; para mentir, que seja grande a mentira, pois assim sendo, “nem passará pela cabeça das pessoas ser possível arquitetar uma tão profunda falsificação da verdade”. A partir dessas considerações, os nazistas darão à propaganda um tratamento de longo alcance, do qual nem a produção artística escapará.

Segundo de acordo para Claret (2006) Hitler e seus aliados, souberam fazer a leitura do momento no qual se passava a Alemanha depois da crise econômica de 1929, e foram estratégicos e competentes, os outros partidos enfraqueciam; enquanto o partido nazista ficava cada vez mais forte, os comunistas alemães eram alvos frequentes da propaganda caluniosa nazista.

A trajetória do futuro *Führer* (guia ou condutor) foi construída em cima de um jogo político muito bem planejado e estruturado – Hitler foi uma das figuras que marcaram o século XX, pois, conseguiu um poder ditatorial em poucos anos, chegou ao poder através do voto, depois da frustrada tentativa de golpe, mas, o “*grande golpe*” ainda estaria por vir – e aconteceu quando Hitler chegou ao poder. O nazismo aconteceu de tal forma que até o mais cético dos alemães, que não acreditava no seu sucesso; teve que se render à sua estrutura de organização e planejamento.

Organização e disciplina para implantação do governo ditatorial

Organização esta palavra define bem o que foi o sistema nazista, Hitler e seus aliados souberam montar grandes eventos que beiravam a perfeição, tudo era pensado, estudado e calculado – a logística nazista era perfeita. Os comícios que eram grandiosos mobilizavam integrantes do partido nazista, que cuidavam de tudo. Hitler era perfeccionista, tudo tinha que estar dentro do seu padrão.

De acordo com Lenharo (1986, p. 40-41)

Cada acontecimento era preparado minuciosamente pelo próprio Hitler. Cada entrada em cena, a marcha dos grupos, os lugares dos convidados de honra, a decoração geral, flores, bandeiras, tudo era previsto. Aos poucos, a forma foi sendo definida, e os acontecimentos ganharam o sentido de um ritual religioso – um ofício -, que se manteve imutável em sua forma. Florestas de bandeiras, jogos de archotes, a multidão disposta disciplinadamente, a música envolvente, os canhões de luz.

De acordo com Dick Geary (2010) a consagração de toda essa organização e planejamento político veio no dia 30 de janeiro de 1933, quando Adolf Hitler torna-se chanceler nomeado pelo então presidente alemão Paul von Hindenburg. Este foi o primeiro degrau que Hitler subiu, seu cargo era importante, mas, estava abaixo do presidente – Adolf Hitler usou do poder que tinha nas mãos como chanceler e tratou de mostrar seu poder como líder supremo do maior partido político da Alemanha, junto com Hermann Göring e Wilhelm Frick outros nazistas que faziam parte do Ministério. Hitler governava através de decretos emergenciais, enquanto Göring que era ministro do interior da Prússia tratava da indicação da polícia do maior Estado alemão, e conseqüentemente acabaria com as ações que eram contra a SA e SS, estas organizações faziam parte do regime nazista. O NSDAP – Partido Nazista travou uma batalha contra os comunistas, o que despertou a simpatia da direita política alemã que era formada por burgueses contrários a ideologia comunista. O momento político era favorável para os nazistas, parece que tudo conspirava a favor e Hitler foi ganhando espaço, força e poder dentro da Alemanha que em breve se tornaria o Estado nazista. Conforme Geary (2010, p.54)

A posição de Hitler foi posteriormente fortalecida pelo fato de os nazistas primeiro agirem contra a esquerda alemã, contra comunistas e social-democratas, o que era muitas vezes recebido com prazer pelos partidos de classe média, que eram virulentamente antissocialistas, gerando neles um falso sentimento de segurança.

Ainda segundo Geary (2010, p. 54-55)

Em fevereiro de 1933, Hitler persuadiu seus colegas conservadores a concordarem com a convocação de novas eleições com a promessa de que esta seria a última vez em que os alemães seriam chamados a votar por um tempo. Decretos de emergências proscureveram os jornais hostis e os encontros políticos, mesmo antes de o fogo ter destruído o prédio do *Reichstag* em 27 de fevereiro. Poucos historiadores agora acreditam que os próprios nazistas tivessem organizado a conflagração, mas eles certamente exploraram o evento, formulando um decreto de emergência suspendendo a liberdade de imprensa, de expressão e de associação. Os direitos e as liberdades individuais efetivamente desapareceram e a polícia auxiliar (composta, essencialmente, por homens da SA, SS e *Stahlhelm*), que Goring criara, ficou de prontidão contra os adversários políticos dos nazistas.

Para Paubel (2010, p. 70), com a chegada de Hitler ao poder manobras começam a surgir – os conservadores do parlamento alemão querem a instauração de um governo ditatorial, pois, sabiam que Hitler tinha uma enorme simpatia pelos militares. Mas, Hitler tinha outros planos que não incluíam a ala conservadora; e tomou medidas para fortalecer seu poder e dá mais autonomia aos seus aliados partidários. Criou leis que fortaleceu o NSDAP e tornou todos os partidos ilegais.

No dia 23 de março, contando com o apoio do Partido Nacionalista, do industrial Alfred Hugenberg, os nazistas aprovaram uma lei que atribuía poderes ilimitados a Hitler, pensando que estariam ajudando na governança do país para combater o caos que o país enfrentava.

Ainda com base em Paubel (2010), Hitler continuava estratégico politicamente, suas decisões eram sempre em busca do poder totalitário, embora tal poder nunca aconteceu na sua plenitude, pois, existiam outros líderes que tinham e usufruíam desse

poder – como é o caso dos chefes da SA e SS⁶, que travavam uma disputa de poder dentro do NSDAP – Partido Nazista. De um lado Ernest Röhm chefe da SA do outro Himmler chefe da SS, nesta disputa Röhm levava vantagem por ter um contingente militar bem superior a SS.

Röhm tinha veneração pelo seu exército e isto começa a preocupar Hitler, que se ver ameaçado pela autoridade militar que a SA tem dentro do partido nazista, e pelo seu comandante que não passa mais confiança, a SA tinha um grande contingente de soldados. Hitler então começa a monitorar os passos de Ernest Röhm, pois, na cabeça de Hitler um levante poderia acontecer a qualquer momento – e não seria bom para o governo que estava só começando. Segundo Paubel (2010, p.73)

Em 28 de fevereiro de 1934, Victor Lutze, líder da SA em Hamburgo, mostrou a Hitler um discurso de Röhm declarando que a SA era o verdadeiro exército nacional-socialista e que o Exército tradicional deveria apenas cuidar do treinamento dos recrutas. Hitler, então, se reuniu com Röhm, tentando dissuadi-lo da ideia de uma “Segunda Revolução”, ou *putsch*. Desiludido com a intransigência do velho companheiro, Hitler ordenou a licença dos soldados da SA em julho de 1934. Enquanto isso, o novo Chanceler tentava pensar numa solução para esse problema que ameaçava o governo nacional-socialista recém empossado. A solução veio através de um pacto entre Himmler e Göring, quando este último transferiu a polícia política da Prússia, onde era primeiro-ministro, para jurisdição da SS em 20 de abril de 1934. Essa nova arma de Himmler, que ampliava muito seus poderes dentro da Alemanha, era conhecida como **Gestapo**, acrônimo de *Geheime Staatspolizei*, ou Polícia Secreta do Estado. A ideia era que Himmler fornecesse informações sigilosas sobre pessoas que poderiam ameaçar o governo nazista, enquanto Göring utilizaria sua influência junto a Hitler no sentido de obter autorização para contra-medidas.

Hitler não podia deixar nada ameaçar seu poder, e foi aniquilando quem se pusesse no seu caminho e fosse contrário aos seus ideais e a ideologia do partido. Era impiedoso, sua ganância por poder fazia com que não tivesse consideração por

⁶ Schutzstaffel (conhecido pela **sigla SS**) é um termo alemão que significa “**esquadrilha de proteção**”, em português. Foi um grupo fundado em 1925, com o objetivo de **proteger Adolf Hitler e os dirigentes do Partido Nazista**.

Os membros da SS eram constituídos pelos chamados “homens de elite”, indivíduos que se enquadravam nos padrões de “pureza” racial defendidos pela ideologia nazista. Esses soldados juravam lealdade total ao Terceiro Reich, sendo que o lema oficial da SS era: “*Mein Ehre heißt Treue*”, que significa “*minha honra é a lealdade*”.

<https://www.significados.com.br/ss/> - acessado em 26/09/2017

ninguém; seu jogo político era direcionado sempre a seu favor; quanto mais poder melhor. Suas promessas eram rapidamente esquecidas quando algo não saía conforme o planejado – Hitler entendia de política, mesmo usando de métodos não convencionais para obtenção de poder. Baseado em Paubel (2010), e ainda falando sobre a ameaça da SA de Ernest Röhm, Hitler consegue mobilizar uma conspiração que acaba de vez com os poderes de Röhm, este episódio é chamado de a “Noite das Facas Longas⁷”. Este ataque sangrento foi a forma de Hitler mostrar sua autoridade insana, como também amedrontar quem tivesse pretendendo algum levante ou golpe contra seu governo. Com tal atitude, Hitler causa uma insegurança política e alguns de seus líderes, vem publicamente manifestar apoio e fidelidade ao *Führer*. Com base em Paubel (2010, p.75)

Em 1º de agosto de 1934, o velho Presidente von Hindenburg morre, e Hitler funde os cargos de Chanceler (Chefe de Governo) e Presidente (Chefe de Estado), assumindo o título de **Führer** (Líder) do Reich Alemão. No dia seguinte, os chefes militares são obrigados a fazer juramento de fidelidade, incondicional e pessoal, a Hitler. Esse juramento foi transmitido a todas as tropas através de seus oficiais.

Com base na citação acima, Adolf Hitler chegou ao poder sob o título de *Führer*, depois do aniquilamento de alguns oficiais da SA que estavam com pensamentos contrários a ideologia do regime nazista – sendo assim, Hitler logo tratou de centralizar seu poder, impondo que os chefes das tropas do exército alemão tivessem fidelidade à sua figura como também a nação. Com isso estava instaurado o Estado Nazista.

Segundo Geary (2010, p. 57)

⁷A Noite das Facas Longas ou Noite dos Longos Punhais foi um expurgo que aconteceu na Alemanha Nazista na noite do dia 30 de junho para 1 de julho de 1934, quando a facção de Adolf Hitler do partido Nazista realizou uma série de execuções políticas extrajudiciais logo após seu líder tornar-se chanceler da Alemanha. Os maiores alvos do expurgo foram membros da facção strasserista do partido, incluindo seu líder, Gregor Strasser. Entre as vítimas também estavam proeminentes conservadores antinazistas (como o ex-chanceler Kurt von Schleicher e Gustav Ritter von Car, que havia suprimido o Putsch da cervejaria de Hitler em 1923). Muitos daqueles que foram mortos pertenciam às lideranças da Sturmabteilung (SA), uma das organizações paramilitares do partido chamada de "camisas pardas")

<http://acontecehoje.com/noite-facas-longas-30-6-1934/> - acessado em 08/08/2016.

O Estado nazista que emergiu desses desdobramentos era um que não tolerava nenhuma forma de oposição e que procurava não apenas reprimir e destruir todas as alternativas, mas também mobilizar a mente de todo o povo sob a liderança do *Führer*, mediante uma propaganda ativa. Os meios de comunicação foram tomados pelas agências do Ministério da Propaganda de Joseph Goebbels, que também organizou os comícios de massas e as celebrações públicas do Terceiro Reich. Os planos de estudo das escolas e universidades foram alterados a fim de reproduzir o racismo primitivo e a visão geopolítica da liderança nazista. Os trabalhos daqueles com diferentes convicções foram banidos e queimados. O funcionalismo público, como já vimos, foi purgado de elementos dissidentes, enquanto grupos de pressão anteriormente independentes foram tomados pelo NSDAP. No lugar dos sindicatos, foi criada a Frente Trabalhista Alemã (DAF) sob liderança de Robert Ley.

Para Geary (2010) a Grande Alemanha de Hitler foi erguida sob leis severas, abuso de poder por parte dos soldados da SS, que foram os verdadeiros carrascos de um povo oprimido, sem ter o que fazer e a quem recorrer. A Alemanha era um Estado nazista, mas, nem todo alemão era nazista, apesar das melhorias que o regime trouxe para o país – haviam alemães que não concordavam, com o modo de governo no qual Hitler estabelecia as regras e leis – e foram criados os campos de concentração, para coibir com violência qualquer forma de discordância. Segundo Lenharo (1986), Hitler tinha nas mãos uma máquina grandiosa e soube usufruir dela, usando a propaganda para divulgar seu governo. E assim, iludindo a massa com comerciais belos, passando a imagem de uma Alemanha perfeita sem truculência e opressão. Enquanto nos campos de concentração, o verdadeiro regime militar ditatorial era imposto sobre muita tortura e impiedade, massacravam pessoas, que para eles do regime nazista, eram tidos como ameaça a raça ariana. Lenharo (1986, p. 79)

Desde 1934 as SS assumiram funções de polícia política, contando com os préstimos da Gestapo, também submetida às mãos centralizadoras de Himmler. Todo o trabalho sujo de terror e extermínio era de caráter secreto, e estava fora do controle do exército. Ao contrário, as SS encarnavam as verdadeiras tropas armadas do nazismo, e seu alcance político incidia até mesmo sobre o exército, do qual se diferenciava, e passava a alvo de sua vigilância. No plano administrativo mais geral, as SS açambarcaram fatias importantes do poder, atuando no confisco de terras, na política de colonização e no extermínio de pessoas territórios conquistados, em setores da economia e administração do país. Aos poucos, as SS se erigiram num Estado dentro do próprio Estado, com inteira anuência do próprio Hitler.

Para os adversários de Hitler o horror só aumentava a medida em que ele ficava mais poderoso, seus planos para conquistar territórios eram cada vez mais truculentos, e o regime nazista foi se tornando o “grande monstro” do século XX. Com a deflagração da Segunda Guerra Mundial, o mundo pode conhecer o poder dos nazistas e a sua máquina de destruição – Hitler estava cada vez mais ambicioso. O *Führer* e seus aliados, estavam dispostos a dominar o mundo, Hitler tinha um exército poderoso e altamente leal, disposto a acatar qualquer ordem sem contestar. Dentro dos fatos ocorridos e das decisões tomadas, ressaltando que nem todas as decisões eram tomadas por ele, pois, era humanamente impossível Hitler ter o controle de tudo e de todos que faziam parte do regime nazista – sendo assim, tais fatos, fizeram de Hitler uma das personalidades mais estudadas até hoje.

Para Claret (2006, p. 143-144)

A personalidade de Hitler sempre foi um enigma, mesmo para os mais próximos colaboradores; daí que, com mais fortes razões, os historiadores desejosos de esboçarem um retrato fiel do mestre do III Reich se encontrarem numa situação embaraçosa.

Hitler já foi descrito, indiferentemente, como louco, um gênio, um possesso, um criminoso, e mesmo um pequeno-burguês, confessemo-lo, é bastante paradoxal e contraditório.

Como qualquer personalidade excepcional, Adolf Hitler possuía um espírito complexo, indefinido, escapando a qualquer julgamento completo. As noções do bem e do mal deixam de ter sentido logo se aplicam a tal personagem, cujo caráter estranho atrai sempre as multidões ávidas de não se sabe quem mistério.

Conhecem-se os seus dons de orador, pregando o novo evangelho dos arianos, ressuscitando com uma intuição inquietante a eloquência medieval dos profetas místicos e iluminados. Não foi ele mesmo quem evocou, em *Mein Kampf*, o poder mágico do verbo?

Quando se dirigia às multidões, Hitler entrava verdadeiramente em transe, estabelecendo uma comunicação mediúnica com o auditório, projetando o seu fluído para a massa, da qual recebia em troca o impulso como um acumulador recebe a corrente elétrica. Era efetivamente o *Trommel*, o tambor da Alemanha, como ele próprio gostava de intitular-se.

O grande mentor do nazismo teve suas qualidades e defeitos, afinal, ninguém chega ao poder em tão pouco tempo como Hitler chegou; sem ter competência e determinação, seu perfeccionismo exagerado e sua oratória, fez um pequeno partido, tornar-se grandioso e poderoso. Foi um grande estadista, devido ter reerguido a

Alemanha depois das penalidades sofridas em decorrência do Tratado de Versalhes, usou do populismo para ganhar admiração do povo, soube utilizar os meios de comunicação que foram a base de seu governo totalitário e infame. Tem um ditado popular que diz: “Quer conhecer o homem dê poder a ele”, este ditado se aplica bem a figura de Hitler.

O poder realmente subiu à cabeça de Hitler, transformando-o numa pessoa sem escrúpulos, capaz de atrocidades desumanas, sem limites para conquistar seus objetivos, vivia numa constante busca, algo obsessivo e doentio, era se como - a busca pelo poder e anexação de territórios não tivesse fim, nem descanso. Hitler queria dominar o mundo, impondo sua ideologia baseada em crenças e misticismos, a superioridade da raça ariana era o tema principal. Só que o mundo discordava de sua ideologia, Hitler e seus comandados foram combatidos com toda veemência necessária.

CAPÍTULO 2

Descrrevendo o filme - A Queda! As últimas horas de Hitler

Neste capítulo descreverei algumas cenas do filme, e farei análise do que foram os últimos dias de Adolf Hitler e do Terceiro Reich, baseado no filme do diretor Oliver Hirschbiegel. Uma das personagens marcantes do filme é Traudl Junge⁸, que foi secretária particular de Adolf Hitler, o longa metragem começa com parte do depoimento da secretária que foi retirado do filme “Im toten winkel hitlers sekretärin” dos diretores André Heller e Othmar Schmiderer⁹, o depoimento é muito importante, pois, é descrito e narrado por alguém que conviveu ao lado de Hitler, e foi testemunha ocular da derrocada nazista.

FICHA TÉCNICA DO FILME:

Tipo de filme: Agente da história
Gênero: Guerra/Drama
Ano/Produção: 2004/Alemanha
Duração: 155 min.
Classificação: 16 anos
Baseado nos livros: Inside Hitler bunker e Hitler de Joachim Fest e Until the final hour, de Traudl Junge e Melissa Müller

⁸ Traudl Junge, nascida Gertraud Humps, (Munique, 16 de março de 1920 — Munique, 11 de fevereiro de 2002) foi a última secretária pessoal de Adolf Hitler entre 1942 e 1945, tendo fornecido muita informação documentando a vida do "Führer" para fins de registro histórico. Em 1942 foi a uma entrevista de emprego na famosa Wolfsschanze ("Toca do Lobo"), o centro do planejamento militar nazista (localizado na Polónia). Hitler escolheu-a sobretudo por ela ser originária de Munique, sua cidade alemã preferida e em certa forma o seu "lar". Traudl Junge, faleceu em 11 de fevereiro de 2002 em Munique aos 81 anos. Seu corpo encontra-se sepultado em Nordfriedhof Muenchen, Munique, Baviera na Alemanha.

<https://omelete.uol.com.br/personalidades/traudl-junge/> - acesso em 12/08/2017

⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=VCSwIfSoe34> – acesso em 14/08/2017

RESPONSÁVEIS PELA ELABORAÇÃO DO FILME

Direção: Oliver Hirschbiegel
Roteiro/Produção: Bernd Eichinger.
Música: Original Stephan Zacharias.
Fotografia: Rainer Klausmann.
Edição: Hans Funck.
Design de Produção: Bernd Lepel.
Figurino: Claudia Bobsin.
Efeitos: Especiais Dirk Lange, Uli Nefzer, Maurice Koester, Bernd Rautenberg.
Efeitos: Visuais Thomas Zauner.
Elenco: Bruno Ganz (Adolf Hitler), Alexandra Maria Lara (TraudlJunge), Juliane Köhler (Eva Braun), Corinna Harfouch(Magda Goebbels), Ulrich Matthes (Joseph Goebbels),Heino Ferch (Albert Speer), Christian Berkel (Prof. Dr.Ernst-Günter Schenck), Matthias Habich (Prof. Dr.Werner Haase), Thomas Kretschmann (Fegelein). ¹⁰

O diretor Oliver Hirschbiegel nasceu em Hamburgo, Alemanha, em 1957. Após estudar culinária na Wadorf School, embarcou em um navio como cozinheiro. Estudou pintura na Academia de Arte de Hamburgo, onde se dedicou à fotografia, vídeo e cinema. Lançou, com o cineasta Gobor Body, a revista de vídeo “Infermental”. Em 1986, vendeu à emissora ZDF seu primeiro roteiro, “Das Go! Projekt”, com a condição

¹⁰ OBS: Os dados das tabelas acima foram retirados da Revista de História Contemporânea n.2, mai-out 2008. Este artigo é uma adaptação do trabalho de conclusão de curso de História Contemporânea, sob orientação de Ana Maria Dietrich. Camila Pelinsari desenvolve projeto de monografia de título homônimo a este artigo. Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Dietrich.

de que ele próprio o filmaria. Nos anos seguintes dirigiu várias séries para a televisão, incluindo 14 episódios de “O comissário Rex”, sendo, somente, em 2001 que produzirá seu primeiro longa-metragem – “A Experiência” 6. Constam em sua filmografia: Invasores (2007) (Longa Metragem, direção), A Queda! As Últimas Horas de Hitler (2004) (Longa Metragem, direção), A Experiência (2001) (Longa Metragem, direção) e Mein letzter Film (2002)¹¹

A secretária que sabia demais

A primeira cena do filme mostra o relato de uma senhora que, a despeito de sua fala, dialoga com um estranho como se estivesse contando suas experiências antepassadas. Ao fundo, a esquerda dela vê-se uma estante de livros desfocada. A direita vemos uma parede branca ou um vão de porta. A direita vemos ainda um objeto prata metálico. A cena foi enquadrada para que espectador veja exclusivamente a pessoa que fala. Ela deve estar sentindo frio porque usa roupa que sobe o pescoço. Sua maquiagem simples, um batom avermelhado e certa cor nas bochechas sem adornos visíveis (brincos e cordões) transparece um ar de simplicidade somada as imagens do fundo.

Serenidade seria a chave aqui. O espectador se concentra, involuntariamente, na narrativa e nos olhos azuis e uma expressão sisuda. Mas quem seria esta senhora e o que ela nos diz de tão importante para que esta cena apareça neste filme?

Ela se apresenta como secretaria do *Führer*, chama-se Traudl Junge, nascida em Munique com o nome de Gertraud Humps no dia 16 de março de 1920 e falecida em 11 de fevereiro de 2002¹².

Em pouco mais de um minuto ela afirma:

“ Eu tenho a sensação que deveria estar zangada com esta criança, com essa coisa infantil que era eu naquela época e que não deveria perdoá-la por não perceber os horrores, as destruições, a monstrosidade do que estava acontecendo antes que fosse

¹¹ Dados sobre o diretor do filme retirados do site -

<http://www.revistacontemporaneos.com.br/n2/pdf/A%20quedafinal.pdf> – acessado em 16/07/2017

¹² <https://omelete.uol.com.br/personalidades/traudl-junge/> acessado em 29/09/2017

tarde demais. Por não perceber no que ela estava se metendo. Ainda hoje me pergunto como pude concordar com isso tão repulsivamente. Eu não era uma entusiasta do nacional-socialismo quando fui convocada para trabalhar em Berlim eu poderia ter dito: “eu não quero ser enviada ao quartel general do *Führer*”. Mas eu não me recusei a trabalhar para ele. A curiosidade foi mais forte. E eu não podia pensar que o destino estava me levando a um lugar onde eu não queria estar; nem podia imaginar o que estava para acontecer. E mesmo assim é difícil perdoar a mim mesma por ter feito isso.” (A queda, 2004, 0’26”-1’29”)

O que a cena revela ao espectador? O que está em jogo aqui nesta dualidade entre: eu e ela? Sensação e certeza? Aceitar o trabalho e não saber o que o futuro reserva? O que ela queria saber sobre o *Führer*?

A cena seguinte mostra um rosto jovem sendo iluminado por uma lanterna de soldado numa barricada. Por analogia, o espectador associa a senhora com a jovem de cabelos aos ombros. A barreira militar libera a passagem do grupo de cinco jovens que desfilam aos olhos cobiçosos de soldados de sentinela. As garotas caminham sob neve e chão de terra pelo som que reverbera de suas pisadas em terra e cascalho. Um dos soldados, o que revela a cobiça nas jovens no sorriso, parece fumar já que solta uma fumaça espessa durante um sorriso maroto. Cães ladram enquanto as jovens entram num prédio militar.



Imagem capturada do filme - Traudl Junge secretária de Hitler

Depois na mesma cena as moças são recepcionadas por um soldado de alta patente da SS, que as recebem numa antessala e pede para aguardarem, pois, o *Führer*

logo irá recebê-las. Uma a uma as moças entram, a última é Traud Junge, que entra com o semblante ansioso e aparência cansada. Sentam-se num banco de madeira, que está encostado na parede de tijolos, pintados de branco, com duas luminárias fixadas à meia altura. As moças ficam com dúvidas sobre como cumprimentar Hitler, e são instruídas a agirem com naturalidade, pois, segundo o oficial que as recepcionou, Hitler não está recrutando soldados, mas, sim, está atrás de uma secretária. O momento é de ansiedade, e de devoção por parte das candidatas – no decorrer do filme o diretor retrata essa adoração que alguns alemães tinham pela figura de Hitler. Ao ouvirem os passos de Hitler se aproximando, as candidatas se levantam e ficam na expectativa da entrada do *Führer*.

O diretor soube trabalhar bem a cena, pois, deixa o espectador na apreensão e curiosidade, afinal é a primeira vez, na qual, aparece Adolf Hitler. A expectativa é gerada em torno de como o diretor vai apresentar a figura de Hitler.

Hitler aparece e vai ao encontro das cinco candidatas ao cargo de secretária particular, todas estão de pé e nota-se um pouco de euforia por parte das candidatas ao cargo. Na cena Hitler está com o semblante calmo e observador – o enquadramento da cena é o que os cineastas chamam de MEIO PRIMEIRO PLANO (MPP) – A figura humana é enquadrada da cintura para cima (informação retirada da internet conforme link referenciado abaixo, sem autor),¹³. Hitler começa a indagar uma a uma, qual nome e cidade aonde nasceu – as moças respondem, mas, Hitler gosta de Traudl Junge, por ela ser da cidade de Munique, cidade na qual ele tem uma admiração, sendo assim ele a chama para começar o teste. Em seguida Traudl Junge entra na sala – e Hitler faz um alerta sobre sua cadela de nome Blondie, avisa que não é para ter medo, pois, a cadela é muito inteligente e não fará mal algum. Até este momento Hitler é gentil e educado, parecendo ser muito paciente e sereno. Ele pede para Traudl Junge ficar à vontade, e vai até a mesa, puxa a cadeira para que a moça possa sentar-se. A sala tem uma decoração típica de escritório, com mesa redonda de madeira, sofá de cor marrom claro encostado em uma escrivaninha de madeira.

Na escrivaninha é onde acontece o teste de datilografia, em cima da mesma encontra-se a máquina de datilografar, uma folha de papel e uma luminária de mesa, a escrivaninha está encostada na parede perto de uma janela, a cena mostra que nas

¹³ Informação retirada do site <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/> - acessado em 12/09/2017.

janelas do escritório existem cortinas, do lado da cortina na parede aonde se localiza a escrivaninha, existe um quadro de fundo branco, o quadro não aparece bem na cena, na outra parede que fica de frente para porta, podemos observar um armário de madeira com duas portas na cor marrom.

Logo em seguida Adolf Hitler vai para sua mesa que fica localizada ao lado da escrivaninha. Hitler então senta-se, na cena aparece a mesa de madeira na cor marrom, contendo uma bandeja de inox, com uma garrafa de vidro na cor verde com água e um copo de vidro transparente, o copo está com água pela metade, na mesa encontra-se uma pequena estátua de um cachorro feita de inox ou algo parecido, no centro da mesa tem alguns papéis, apoio feito em couro para escrever, uma pasta de couro para guardar papéis, um telefone preto, um porta canetas, ao fundo da cena tem um rádio muito bonito que está em cima de uma mesa pequena encostada na parede, do lado do rádio tem um abajur. Continuando a cena Hitler, faz menção a juventude da moça e indaga sobre sua idade, a moça responde dizendo que tem 22 anos.

Hitler começa a ditar um discurso para ser datilografado pela candidata ao cargo. A jovem fica embaraçada com a situação, a cena do filme é notória, o semblante da moça é de decepção e agonia, por não conseguir, pois, Hitler dita muito rápido e ela não consegue datilografar com tanta rapidez e destreza, até que em certo momento Traudl Junge, nervosa com a situação, resolve parar de datilografar. Hitler percebe o embaraço da candidata, levanta-se e vai ao encontro da moça – ler o que ela conseguiu datilografar e diz: “Eu sugiro que tentemos novamente” a moça abre um sorriso. Nesta cena Hitler sorrir, é cordial e paciente, percebendo que a jovem não consegue datilografar com tanta rapidez, trata logo de acalma-la.

O diretor humaniza a figura do ditador, apesar de severo e implacável em algumas circunstâncias, Oliver Hirschbiegel, mostra um pouco do discurso que foi construído pela propaganda nazista, o *Führer* como acolhedor, paciente e tolerante.



Imagem capturada do filme – Bruno Ganz (Adolf Hitler) e Alexandra Maria Lara (Traudl Junge)

De repente a jovem moça aparece saindo da sala, ela aparenta estar um pouco surpresa, e diz que conseguiu o emprego, e comemora com as outras quatro candidatas que se levantam para abraça-la. O filme segue para a cena seguinte, na qual aparecem soldados carregando caixas de madeiras e sendo bombardeado pelo exército soviético, Berlim está em ruínas e sem poder de defesa. Traudl Junge acorda sobre o som da artilharia, ela dorme no quarto com outras duas secretarias, neste momento começa uma discussão sobre se é artilharia russa ou não. Hitler aparece furioso querendo saber de onde vem a artilharia e qual o alcance que ela atinge. Um soldado o cumprimenta dando-lhe feliz aniversário, mas, Hitler nem liga para tal gentileza do soldado, ele está mais preocupado com a artilharia soviética que traz um certo desconforto para o ditador.

O começo da queda

Na cena Hitler está bastante irritado, desaparecendo aquela figura compreensiva, calma e serena do começo do filme. O diretor mostra o lado autoritário do *Führer*.

Hitler pede para falar por meio do telefone com um de seus generais que está em um front longe do bunker. Na conversa Hitler é ríspido e faz indagações sobre a artilharia. O general do outro lado da linha diz que não sabe do bombardeio e tenta tranquilizar o ditador, dizendo que, as armas não são de longo alcance, e diz a localização exata das tropas russas. A informação tira Hitler do sério, ele diz:

“ Os russos estão tão perto? Todo comando da força área deveria ser enforcado. Neste momento da cena, Hitler, bate o telefone com força e fica transtornado. Na sequência da cena Hitler esbraveja: “É um absurdo! Absurdo! Os russos estão a 12 quilômetros do centro da cidade (Berlim), e ninguém me diz nada, tive que perguntar. ” (A queda, 2004, 0’08:41”)

O diretor Oliver Hirschbiegel mostra o enfraquecimento do exército nazista, pois, a cidade de Berlim está sofrendo uma ofensiva russa, e as tropas nazistas nada fazem para conter a artilharia - o diretor começa a mostrar o enredo de sua obra fílmica, o lado vulnerável do então exército alemão, e um ditador sem compostura e equilíbrio para comandar seus subordinados.

O filme tem muitas reuniões da alta cúpula nazista, que tratam de vários assuntos tais como: conspirações entre membros da SS, planos para abandonar Berlim antes da derrota final, evacuação de áreas dominadas pelos aliados, planejamento de combate aos ataques dos soviéticos, enfim vários assuntos eram abordados. A primeira reunião que aparece no filme, é para tratar da saída de Hitler de Berlim, pois, segundo Himmler é hora do *Führer* buscar asilo em outra cidade ou país. Mas a tentativa de convencer Hitler é em vão, ele não concorda com tal sugestão.



Imagem capturada do filme – Reunião da alta cúpula nazista e suas secretárias pedindo a saída de Hitler de Berlim

A cena mostrada é emblemática, se passa em um salão da Chancelaria, a maioria dos oficiais de alta patente estão reunidos – todos bem vestidos e perfilados, mostrando a organização e disciplina do regime nazista. O salão é grande e luxuoso, decorado com o que tinha de mais fino e caro da época, basta olharmos para o chão – coberto com um belo tapete. Hitler cumprimentando oficiais do exército nazista, até chegar a um de seus oficiais preferidos Himmler¹⁴, comandante da SS, que era encarregada da segurança pessoal de Hitler.

O último da fila é Himmler que o saúda com a típica saudação nazista, Hitler o cumprimenta com um aperto de mão – e Himmler tenta convencer o *Führer* a deixar Berlim:

...“ Meu *Führer* eu imploro saia de Berlim, ainda não é tarde!

- Hitler com o semblante duvidoso indaga: Não é tarde?

¹⁴ Himmler é considerado o segundo homem mais poderoso do Terceiro Reich, atrás apenas de Hitler. Além da segurança do *Führer*, era encarregado da proteção do império nazista. Em 1930, foi eleito deputado para o Reichstag (Parlamento). Investiu na expansão da SS e, em 1933, tal organização já contava com 52 mil homens. Participou ativamente da construção de Dachau, o primeiro campo de concentração nazista, inaugurado também em 1933.

<http://www.infoescola.com/biografias/heinrich-himmler/> - acessado em 18/09/2017

- Himmler chama outro oficial, e faz uma afirmação, você também acha que devemos entrar em contato com os aliados e usar política – o oficial responde: é de fato, devemos usar política.

Mas, Hitler retruca: Política! Chega de política! Estou cansado de política! Quando eu estiver morto, vocês terão de lidar com muitos políticos. ” (A queda, 2004, 0’12:53”).

Em seguida da cena, Hitler diz para Himmler ir embora, se vira e sai do salão, com o ar pensativo.

O filme mostra um pouco o que foi a juventude hitlerista¹⁵, quando em determinada cena Hitler aparece saindo do bunker, juntamente com oficiais da SS para fazer condecorações a jovens, que tentam resistência contra os ataques dos soviéticos. São jovens que tem orgulho da Alemanha e lutam para manter o país forte como outrora, alguns destes jovens sonham em virar soldados do regime nazista. No filme os jovens creem na vitória da Alemanha, acreditam que Hitler tem estratégias militares para vencer os soviéticos e aliados.

O filme faz um relato da decadência do Terceiro Reich e das forças militares nazistas, o diretor mostra vários lados da figura de Hitler. A debilidade do *Führer* é bem notória no filme, como também, alguns momentos de insanidade, devido a ordens dadas sem fundamentos, pois, a Alemanha encontra-se praticamente dominada pelo exército soviético – e Hitler quer a todo custo que seu exército combata e tente aniquilar os soviéticos. Os generais nazistas não sabem como enfrentar tal situação, são obrigados a

¹⁵ A Juventude Hitlerista promovia intensa doutrinação dos jovens alemães. Entre seis e dez anos de idade, as crianças estavam submetidas ao aprendizado nazista, que era avaliado e o desempenho registrado em livro. Aos dez anos de idade, as crianças faziam testes de atletismo, de acampamento e de história nazificada, fazendo juramento de devoção a Adolf Hitler e à pátria. Essas duas etapas iniciais eram fases preparatórias chamadas respectivamente de **Pimpf** e de **Jungvolk**. A Juventude Hitlerista tinha início propriamente dito aos 14 anos de idade, quando os rapazes recebiam maiores treinamentos da doutrina nazista e de artes militares. As meninas incorporavam já aos dez anos de idade as **Jungmädel**, onde recebiam a mesma formação dos meninos, e, aos 14 anos de idade, passavam a integrar a **Bund Deutscher Mädel**, que, por vezes, também incluía formação militar. No entanto, a principal obrigação das mulheres era gerar filhos sadios para propagar a suposta raça ariana.

remanejar tropas para frentes de batalhas nas quais os números de soldados são bem menores do que os soviéticos, e estão sem munições e armamentos.

A face do ditador pelo olhar do diretor

Numa determinada cena do filme, o diretor retrata uma conversa entre Adolf Hitler e seu arquiteto-chefe e Ministro do Armamento Albert Speer¹⁶. A conversa é sobre o futuro da capital Berlim. A cena começa com Hitler batendo na mesa que fica em uma sala dentro do bunker e dizendo:

- Hitler: Não importa para onde o inimigo vá, ele só deve encontrar deserto.

- Speer: É a sentença de morte do povo alemão – sem gás, sem água, eletricidade, sem carvão, sem transporte. Destruindo todas nossas ferrovias, canais, docas, navios e locomotivas, vamos levar a Alemanha de volta a idade média. Speer completa: O senhor estará negando ao nosso povo qualquer chance de sobrevivência.

- Hitler: Bom, se a guerra está perdida, é irrelevante também se o povo perece. Não é necessário levar em consideração, as necessidades primitivas de sobrevivência do povo alemão – muito pelo contrário, é bem melhor mesmo, que nós destruamos essas coisas. Hitler continua – o povo tem dado muitas provas de ser fraco demais, e faz parte da linda natureza que seja exterminado.

- Speer: O senhor é o *Führer*, é o seu povo.

- Hitler: Somente os inferiores sobreviveram, todos os nossos melhores homens já morreram em batalhas! (A queda, 2004, 0'26:38")

¹⁶ **Berthold Konrad Hermann Albert Speer** (Mannheim, 19 de março de 1905 – Londres, 1 de setembro de 1981) foi o arquiteto-chefe e ministro do Armamento do Terceiro Reich. Conhecido como "O bom nazista", ele assumiu todas as responsabilidades por seus atos cometidos durante o regime nazi nos Julgamentos de Nuremberg.

Speer entrou para o Partido Nazista em 1931. Com grande talento na arquitetura, rapidamente se tornou uma das pessoas mais próximas de Hitler. O ditador designou Speer para a construção de diversas obras, incluindo a Chancelaria do Reich. Speer também fez planos para a reconstrução de Berlim, com grandes edifícios, amplas alamedas e renovação do sistema de transporte.

Como Ministro do Armamento, Speer foi responsável pela grande produtividade da Alemanha neste setor nos anos finais da Segunda Guerra Mundial. Em 1946, ele foi julgado em Nuremberg e sentenciado a 20 anos de prisão por sua participação no regime nazista, principalmente pelo uso de trabalho escravo nos campos de concentração. Ele serviu a maior parte de sua sentença na prisão de Spandau na Berlim Ocidental.

http://www.bepeli.com.br/educacional/guerras/biografia_personagens_2_guerra/albert_speer/albert_speer.html - acessado em 22/09/2017

Na determinada cena com Hitler desolado e melancólico, o diretor vai mostrando algumas faces do ditador, faces estas que só os mais íntimos podiam ver. E a situação era extremamente delicada, Hitler, não tinha mais forças e nem exército para lutar contra os soviéticos – e queria destruir a cidade, com intuito de atrasar o ataque inimigo.

Na cena durante o diálogo podemos observar que Hitler, está tomado por vários sentimentos como o desprezo, uma certa ira, o diretor mostra a arrogância do ditador com a nação alemã, sem ter nenhum pouco de sensibilidade, mostra o desapego total pela cidade que ele admirava e exaltava, mostra Hitler indignado com o povo que o idolatrava, mesmo povo que lutou, defendeu e morreu pela Alemanha e seus ideais nacionalistas, induzidos pelo regime nazista implantado por ele, mas, todos esses sentimentos estavam ligados ao desespero, pela impotência de suas forças, por não poder combater os aliados e soviéticos como ele gostaria.

Na cena o diretor mostra o lado perverso e cruel de Hitler, um ser sem compaixão, que enxerga os próprios interesses e a sua vaidade.

A situação fica cada vez pior, pois, os aliados contra o regime nazista, estão com quase toda Berlim dominada – Hitler e a alta cúpula do exército encontram-se confinados no bunker. Mesmo com toda adversidade Hitler ainda tem esperança que um ataque bem feito do “exército de Steiner”, possa reverter à situação. Em reunião dentro de uma sala do bunker, Hitler é avisado que tal ataque não poderá ser feito, pois, o comandante das tropas Steiner não conseguiu contingente suficiente para realizar o ataque. Na cena quando Hitler recebe tal notícia, fica pensativo por alguns segundos, tira os óculos lentamente com suas mãos trêmulas, a tensão toma conta da conferência. Em seguida Hitler pede para alguns oficiais saírem da sala, permanecendo 04 oficiais Keitel, Jodl, Krebs e Burgdorf. Insano o *Führer* culpa os oficiais de traição, dizendo:

“ Isso era uma ordem! O ataque do Steiner era uma ordem! Quem vocês pensam que são, para desobedecerem uma ordem minha? Então, chegamos a isso? Os militares estão mentindo para mim, todos estão mentindo para mim! Até a SS, nossos generais não passam de um bando de covardes, desprezíveis e desleais. Nesse momento um oficial que ficou na sala a mando de Hitler retruca as acusações e diz: “Eu não posso permitir que o senhor insulte nossos soldados”. A contestação do general aumenta a fúria de Hitler, que esbraveja: “Eles são uns traidores, covardes e fracassados! ”.

Novamente o general contesta as afirmações do ditador: “Meu *Führer* isso é um absurdo”. Tomado pelo ódio Hitler mais uma vez esbraveja: “Nossos generais são a escória do povo alemão” – depois dessa frase, Hitler, joga com força sobre a mesa os lápis que segurava. O momento é de total tensão, pois, Adolf Hitler fica descompensado. E continua as ofensas – “ Não tem honra! Eles chamam a si mesmo de generais, anos na academia e só conseguiram aprender a segurar uma faca e um garfo! Por anos os militares têm obstruído meus planos, eles colocaram todo tipo de obstáculos no meu caminho”. E Hitler continua seu momento de fúria: “O que eu devia ter feito era liquidar todos oficiais de alta patente como fez Stalin”. Hitler senta-se e toma um pouco de fôlego e diz: “Eu nunca frequentei academia, e mesmo assim, eu conquistei a Europa (diz isso batendo no peito e com os punhos fechados para o alto), toda Europa sozinho! Traidores”! Continua sua bravata: “Eu fui traído e enganado por esses incompetentes deste o começo. Foi uma traição monstruosa de todo povo alemão, mas todos esses traidores vão pagar, eles irão pagar com o próprio sangue! Eles irão se afogar no próprio sangue”! (A queda, 2004, 0’40:20 até 0’42:09”)

Fora da sala, oficiais, soldados e pessoal de apoio, ouvem os gritos e ficam assustados com a reação de Hitler. Traudl Junge pede calma para a outra secretária, pois, a mesma encontra-se aos prantos.

Em seguida a cena é retomada – Hitler está sentado de lado na cadeira, cabisbaixo e com um tom de voz mais calmo, sendo observado pelos oficiais que ficaram por sua determinação. E nesta atmosfera começa o desabafo para surpresa de todos que o cercam dentro do bunker – Hitler diz: “ Minhas ordens caíram em ouvidos surdos, sob estas circunstâncias eu não tenho mais nenhuma condição de liderar – acabou! A guerra está perdida! Mais cavalheiros, se vocês acham que vou sair de Berlim, estão seriamente enganados. Eu prefiro estourar meus miolos! Façam o que quiserem”. (A Queda, 2004 0’42:21 até 0’43:03)

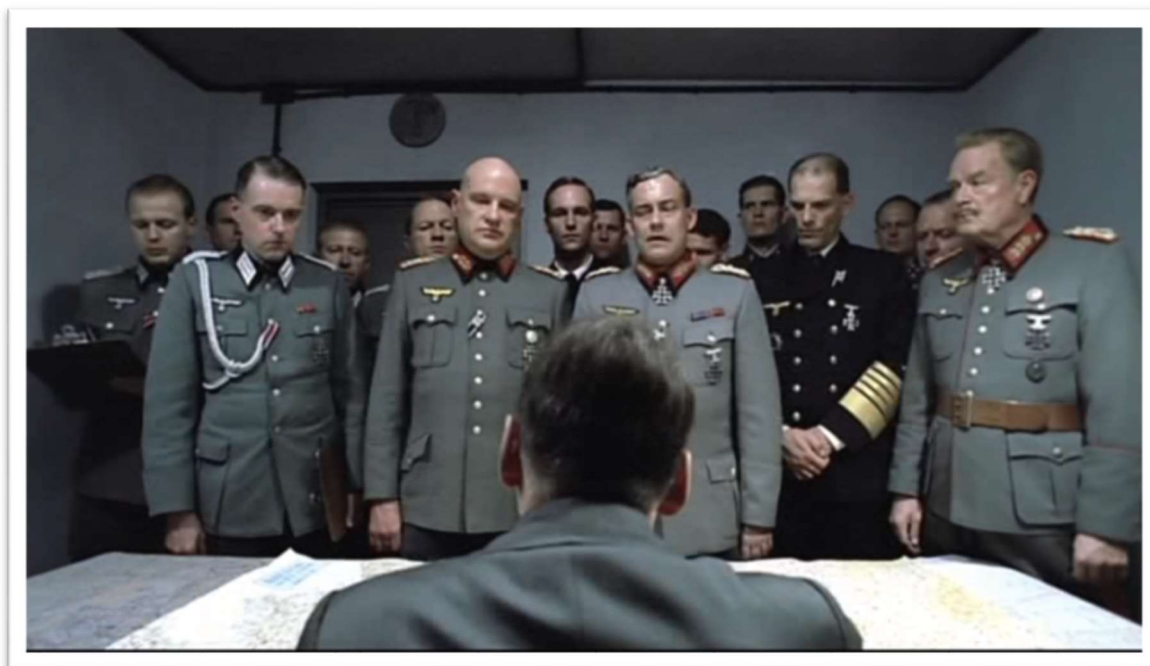


Imagem capturada do filme – Conferência do alto comando nazista, para divulgação do avanço das tropas soviéticas na cidade de Berlim

Chegamos aqui há um dos momentos cruciais do filme, pois, Hitler anuncia que não tem mais o que fazer, e que a guerra está perdida – não liderará mais a Alemanha. E que jamais vai abandonar Berlim, nem tampouco se entregar aos soviéticos, prefere matar-se a capitular.

Com esta decisão os oficiais que ali estão, ficam perplexos e alguns começam a discutir sobre o ocorrido, o clima é tenso e desolador, o diretor do filme retrata bem o sentimento de medo, fracasso, insegurança dentro do bunker. Na cena seguinte a secretaria particular de Hitler consola a amiga que está desesperada, em seguida entra Eva Braun chamando-as para um passeio fora do bunker – as três saem. Eva Braun está acompanhada da cadela de Hitler, a cena é tranquila e passa uma certa calma, de fundo musical podemos ouvir uma bela canção tocada no piano, com o cantar de pássaros, as três sentam em bancos, acendem cigarros e começam a contemplar uma estátua localizada próximo do bunker, mas, de repente a sirene toca e toda calma acaba, e começa um bombardeio.

O diretor mostra também a calamidade e horror dentro do bunker, civis apavorados buscando abrigo e feridos de guerra sendo atendidos sem condições hospitalares – a junta médica não é suficiente para atender a demanda de feridos.

Dentre muitas cenas realizadas sobre o estado emocional de Hitler, o diretor mostra a insanidade que tomou a mente do ditador, numa conversa entre Hitler e o general Keitel ordens são dadas sem o menor fundamento. Keitel entra na sala e Hitler observa um mapa com auxílio de uma lupa, em seguida Hitler levanta a cabeça e com o semblante calmo diz:

“ É...escute Keitel, eu quero que você parta, tem que ser hoje à noite – abra o caminho até o Danitz, ajude ele a preparar tudo. Nós precisamos organizar as coisas”.

Nisso Keitel faz uma indagação: “Não estou entendendo”?

Hitler diz: “É um desastre, não temos mais campos de petróleo – é impossível conduzir as operações estando assim tão longe. Assim que eu conseguir controlar essa situação, precisamos recuperar os campos petrolíferos”. Hitler está de aparência calma e olhar enigmático, aparece comendo um pedaço de bolo. Para fechar o diálogo, Hitler faz uma indagação ao general Keitel: “ Mas alguma pergunta”? Keitel responde: “ Não meu Führer” – Hitler responde: “ Ótimo, faça uma boa viagem”. Keitel se retira da sala sem entender absolutamente nada. (A Queda, 2004 1’00:35 até 1’01:37)

Os fiéis e infiéis do ditador

Diante deste caos, começam a aparecer quem realmente foi fiel a Hitler e quem não foi, muitos oficiais começam a buscar formas de como fugir de Berlim, enquanto outros chegam para morrer junto do *Führer*.

O alto comando nazista recebe uma mensagem de Hermann Göring¹⁷, Hitler está reunido com alguns oficiais e com o ministro da comunicação Joseph Goebbels – um oficial ler a mensagem:

¹⁷Göring desempenhou um papel decisivo nas negociações que levaram à nomeação de Hitler como chanceler, em 30 de janeiro de 1933. O presidente Paul von Hindenburg, (então com 84 anos de idade) acabou forçado a aceitar Adolf Hitler. Göring usou a sua nova posição como ministro do interior da Prússia para estabelecer a Gestapo (polícia política e responsável pelos campos de concentração) Göring tornou-se Ministro da Aeronáutica e Ministro do Interior. Era o mais popular dos líderes nazistas, não só entre o povo alemão, mas também entre os embaixadores estrangeiros. Usava a sua posição para enriquecer, e liderava a espoliação dos judeus. Era egocêntrico e gostava de ostentar os seus bens.

“Meu *Führer*, em consequência da sua decisão de permanecer em Berlim, peço a sua autorização como vice-chanceler para assumir imediatamente todo o comando do Reich, com autoridade e poderes necessários. Se eu não receber uma resposta até as 10h 00 da noite, vou supor que o senhor está incapacitado, eu vou trabalhar para o bem-estar de nosso povo e nossa terra mãe. Hitler ouve tudo pensativo. O oficial que leu a mensagem faz um comentário: Ele está traindo a Alemanha e traindo o senhor. Outro oficial se manifesta com tal comentário na cena: A preocupação de Göring não é injustificável, se nosso sistema de comunicação falhar o que pode acontecer a qualquer momento, vamos ficar sem comunicação com o mundo, não podemos transmitir nossas ordens. Nisso Gobbels entra no diálogo dizendo: Eu vejo diferente – Göring quer assumir o poder. Eu nunca confiei naquela multidão que ele reuniu em Obersalzberg, é golpe de estado!

A cena fica muda por alguns segundo, quando a câmera volta para Hitler, o mesmo está como a mão tremula e com a feição tomada pela raiva, e logo ele coloca para fora todo ódio pela figura de Göring.

“Aquele fracassado, aquele sanguessuga! Ele é um pobretão é um preguiçoso! A cena volta-se para a figura de Speer que vem falar com Hitler- nisso ouve-se a voz de Hitler um pouco abafada, mas, com intensidade, Hitler continua com sua ira: Como ele ousa me declarar incapaz de agir? Amanhã ele pode declarar morto! Speer e Traudl Junge conversam, ela pergunta: Como conseguiu chegar em Berlim? Speer responde: Não foi nada fácil. Neste momento da cena não dá para ouvir algumas palavras proferidas por Hitler, pois, o diálogo entre Speer e Traudl Junge atrapalham a compreensão. A cena é retomada e Hitler parece mais furioso: A força aérea, o que ele fez com ela? Isto é motivo suficiente para executá-lo. Viciado em morfina, ele contribuiu para corromper esse país nossa querida Alemanha. Hitler continua: E agora isto! É um traídor, ele me traiu! Göring me traiu! Eu quero que Göring seja retirado do poder, e removido do gabinete, se eu não sobreviver a esta guerra ele deve ser executado imediatamente”! (A Queda, 2004 1’02:56 até 1’04:55)

O ministro da comunicação Joseph Goebbels pede para esposa trazer os filhos para o bunker, ambos são fanáticos pelo nacional-socialismo e Goebbels é altamente fiel a Hitler, sendo assim, decide ficar e sacrificar sua vida e de toda sua família. São nestas atitudes que o diretor do filme, mostra o tamanho do fanatismo do povo alemão sobre a figura de Hitler e sua ideologia que foi o nacional-socialismo. Mas por outro lado

existiam os que não eram tão fanáticos assim, pois, muitos começam a capitular ou fugir.

O caos toma o bunker

O filme começa a tomar mais dramaticidade, devido à reta final, Berlim, está praticamente tomada pelos aliados e soviéticos, os ataques aéreos ficam cada vez mais frequentes e com intensidade maior. O exército nazista não tem mais forças e nem armamentos para enfrentar as batalhas. Os confinados dentro do bunker não sabem como agir perante tal situação – e o desespero toma conta de alguns. Hitler insiste em manter ações estratégicas que só existem na cabeça dele. O diretor Oliver Hirschbiegel mostra um Hitler debilitado, desolado em algumas cenas, com certa insanidade nas decisões, um Hitler frágil e doente, mas mostra também um Hitler autoritário, sem compaixão por ninguém, um ditador que diz que a nação está tendo o que merece.

No decorrer do filme muitas reuniões acontecem, todas com o propósito de atacar o exército vermelho, Hitler está cada vez mais insano e sem controle emocional, suas ordens são dadas sem fundamentos. O *Fuhrer* vê tropas que só existem no seu imaginário, faz planos de ataque com soldados que não tem como guerrear, pois, não possuem armamentos e munições. Numa cena do filme um médico da SS vem pedir a Hitler para deixar Berlim juntamente com a família, pois, segundo o médico não tem mais o que fazer, seus serviços não são mais necessários, Hitler ouve tudo e não deixa o médico partir. Em seguida o médico vai para casa jantar com a família, mas, o jantar acaba em tragédia, o médico usa duas granadas para acabar com sua vida e de toda sua família. Em outra cena do filme o diretor retrata as orgias e bebedeiras que aconteciam dentro do bunker e em palacetes da grande Berlim.

Hitler recebe um relatório dos campos de batalhas, o relatório só vem para confirmar que a guerra está perdida – as tropas nazistas em sua maioria estão rendidas e não oferecem mais resistências. Hitler sai da sala desolado, mas, deixa a ordem para que nenhum oficial capitule e que ele jamais irá se render ou deixar Berlim.

Enquanto isso, oficiais considerados de alta confiança, começam a traçar planos para a rendição, Hitler fica surpreso com algumas dessas atitudes. Um dos que estavam com o plano todo arquitetado era Hermann Fegelein, casado com a irmã de Eva Braun.

O diretor mostra o desespero de Eva Braun em tentar livrar o cunhado da fúria implacável do ditador nazista.

Eva Braun entra nos aposentos de Hitler transtornada e suplica de joelhos:

- “Por favor não deixem que matem o Hermann – Hitler se vira para ela e diz: Ele queria fugir, não existe dúvida alguma. Eva Braun com o semblante desesperada retruca: Está tudo acabado de qualquer maneira, nós vamos morrer! Pense na minha pobre irmã, ela está esperando um filho. Hitler responde com serenidade de um psicopata: Mas, ele colaborou com Himmler, ele é um traidor. Hitler acaricia o rosto de sua futura esposa, que ainda se encontra de joelhos e com os olhos marejados de lágrimas. E retoma a fala: Não existe compaixão para os traidores, não existe perdão para os traidores, ele vai a corte marcial e será executado. Eva Braun indaga: E o que isso vai adiantar agora? Hitler se enfurece e exclama: É a minha vontade agora! Eva Braun limpa as lágrimas do rosto e diz: Você é o *Führer*. ” (A Queda, 2004 1’24:25 até 1’25:19)



Imagem capturada do filme – Eva Braun implorando pela vida do cunhado Hermann Fegelein

O filme vai se desenrolando, a situação dentro do bunker além de ser claustrofóbica é de total desespero. Algumas cenas mostram soldados e mulheres tendo

conversas sobre uma forma de suicídio rápido. Muitos daqueles oficiais que sempre se apresentaram muito bem vestidos e com boa compostura, aparecem largados pelos cantos do bunker – alguns alcoolizados e com os uniformes amarrotados.

Durante um jantar no bunker tudo parecia calmo, Hitler, estava na companhia de sua futura esposa Eva Braun, do Ministro da Propaganda Joseph Goebbels, sua secretária particular Traudl Junge, o general da Luftwaffe Robert Von Greim, sua companheira Hanna Reitsch, Gerda Christian (outra secretária de Hitler) e dois oficiais, o jantar era como se fosse uma comemoração pela nomeação de Robert Von Greim à comandante geral da Força Aérea com patente de marechal da Força Aérea.

A maior de todas as traições, o casamento com Eva e Goebbels o fiél

No meio do jantar um oficial trás notícias da capitulação de Himmler – a notícia é através da captura de mensagem da Reuters, que foi enviada pela BBC de Londres. Tal notícia faz Hitler perder a compostura, a cena mostra o ódio se formando no rosto debilitado do ditador, que começa a desferir todo rancor e desprezo pela figura de Himmler.

“ De todas as pessoas do mundo tinha que ser Himmler? Indaga furioso. O mais honesto dos honestos, essa é a maior traição de todas que eu já sofri! Göring é claro, ele sempre foi corrupto, Speer um artista, um idealista imprevisível, todos os outros, sim, sim, sim – mas, não Himmler, será que ele enlouqueceu por acaso? Ele reivindicou a autoridade dizendo que estava doente, melhor se estivesse morto”! (A Queda, 2004 1’17:50 até 1’18:39).

Nem todos estavam dispostos a morrer pela Alemanha e por Hitler, quando a situação foi ficando crítica, até os mais leais, deram um jeito para tentar escapar – e com Himmler não foi diferente.

O filme caminha para seu final, o diretor começa a mostrar fatos relevantes que aconteceram dentro do bunker. A secretária particular de Hitler, Traudl Junge, aparece constantemente nas cenas, o diretor deixa claro que ela foi figura marcante e importante para a criação do longa-metragem, suas memórias realmente foram marcantes, pois,

viveu quase que intimamente com Hitler, teve acesso a quase tudo, participou de várias reuniões, refeições, momentos de fúria do ditador, serviu a alta cúpula do nazismo. Esteve rodeada do mais alto escalão do Reich e conviveu com Eva Braun.

Uma das cenas marcante do filme é o casamento de Hitler com Eva Braun, a cerimônia acontece numa pequena sala do bunker – acompanhada por Goebbels, sua esposa e três oficiais. Traudl Junge acompanha toda a cerimônia de outra sala que fica de frente, ela está datilografando o testamento político de Hitler. Antes do casamento de Hitler com Eva Braun, o ministro da propaganda nazista procura a secretária de Hitler, para que a mesma possa datilografar seu testamento – Goebbels está transtornado, chega a chorar e diz: “ Imagine o *Führer* quer que eu saia de Berlim, ele me deu ordens para partir. (começa a chorar) Eu nunca desobedeci a nenhuma ordem do *Führer*, nunca! (o choro fica mais intenso) Traudl Junge fica sem reação, afinal que está em pé, na sua frente, é uma das autoridades mais respeitadas do Terceiro Reich. Goebbels retoma a fala: Mais, não vou obedecer esta ordem, eu vou ficar perto do *Führer*. Desculpe frau Junge, eu... eu, quero ditar meu testamento pessoal a você. Traudl Junge responde: Mais eu estou escrevendo o testamento do *Führer*. Goebbels diz: Certo! Eu entendo, volto mais tarde”. (A Queda, 2004 1’31:10 até 1’32:07)

Buscando esperanças, a ordem macabra, Eva Braun e Traudl Junge

Depois de mais uma reunião com alguns oficiais nazistas para saber a situação das dos fronts de guerra, Hitler ouve a leitura de um relatório com notícias sobre o avanço dos russos a Berlim – o relatório deixa todos desanimados, pois, os russos estão quase chegando ao bunker. Hitler nem espera a leitura completa do relatório, se levanta com dificuldade, está debilitado, sua aparência é de uma pessoa frágil. Antes de sair da sala profere algumas palavras “ Eu jamais vou me render, jamais! Proíbo que vocês se rendam, isso vale para todos os outros comandantes também” (A Queda, 2004 1’35:56)

Em seguida da cena Hitler ordena para seu ajudante pessoal Günsche que fica surpreso com as ordens. Hitler ordena:

“Escute bem Günsche, a minha esposa Fräulein Braun e eu, resolvemos que vamos cometer suicídio, mais eu não quero que os russos exibam meu corpo em nenhum museu, não me deixe cair nas mãos deles morto ou vivo. Eu quero que meu

corpo seja queimado, assim, nunca será encontrado. Günsche eu quero que você prometa que tomará as medidas necessárias para que meus restos mortais sejam destruídos. Günsche com a voz embargada responde: Meu *Führer* é uma ordem terrível vai vou obedecer”. (A Queda, 2004 1’36:08 até 1’36:50)

Logo após as ordens Günsche tratar de conseguir 200 litros de gasolina, para atender as ordens macabra de Hitler. Hitler estava obstinado com a ideia de suicídio, manda chamar 02 médicos e uma enfermeira – tal junta médica vem explicar ao ditador os efeitos do veneno e de como cometer suicídio com arma de fogo. Um dos médicos aconselha Hitler a tomar veneno e depois atirar contra sua própria cabeça, Hitler indaga se terá tempo, o médico responde que o veneno só agi depois de 01 a 02 segundos.

O filme mostra Hitler usando sua cadela Blondie como cobaia, manda envenenar a cadela.

Em uma conversa íntima com Eva Braun, a secretária particular de Hitler faz comentários sobre a personalidade do ditador, e Eva Braun explica um pouco o temperamento de Hitler. Eva Braun começa a conversa:

“ Fräulein Junge, conheço ele, meu marido há mais de 15 anos, mais quando penso nisso, vejo, que não sei nada sobre ele. E ele gosta de conversar, eu queria muito vir para Berlim, mais ele mudou o comportamento – ele só fala de cachorros e comida vegetariana, e agora eu tenho ódio da Blondie, eu chuto ela sem que ele veja e o Adolf não consegue entender o comportamento dela. (Risos, ambas começam a rir)

Traudl Junge diz: Parece que ele não quer que ninguém o conheça por dentro, quero dizer intimamente, sabe em particular – ele é uma pessoa carinhosa, mais as vezes ele fica tão bruto. Eva Braun diz: Quando ele está sendo o *Führer*. Vamos fumar pegue um cigarro, nesse momento a secretária acende o cigarro e começa a chorar. A secretária pede desculpas e diz: a senhora com tantos problemas e eu chorando”. (A Queda, 2004 1’43:45 até 1’45:32)

A morte de Hitler, as consequências e a rendição da Alemanha

O diretor retrata no filme o que foi a última refeição de Hitler, na cena ele está acompanhado de suas duas secretárias e nutricionista, todos comem a mesa num

silêncio quase fúnebre. Hitler é observado pelas moças, o olhar delas é de compaixão. Hitler come, como se estivesse faminto há vários dias. Ele agradece e diz que a comida estava muito boa. Em seguida limpa a boca com guardanapo e levanta-se com dificuldade, enquanto as moças permanecem sentadas. Hitler então diz: “A hora chegou, acabou tudo”! (A Queda, 2004 1’47:57)



Imagem capturada do filme – Hitler e Eva Braun se despedindo antes de cometerem suicídio

Os momentos finais do filme são dramáticos, a atmosfera criada pelo diretor Oliver Hirschbiegel prende o espectador, os sentimentos vividos dentro do bunker parecem sufocar quem assiste o filme. Na cena capturada acima, Hitler e sua esposa se despedem de quem realmente ficou ao seu lado. Acabando as despedidas Traudl Junge saí correndo com vontade de chorar, mas, ao chegar numa escadaria se depara com os 06 filhos de Goebbels, ela se recompõe, e pergunta o que as crianças fazem ali? Elas respondem que querem ver Hitler e Eva Braun.

Outra cena que mostra a adoração e devoção que o povo alemão tinha pela figura de Hitler, sem generalizar, é quando a esposa de Goebbels pede para ver o *Führer*.

Ela aparece andando rápido em direção aos aposentos do ditador, chegando lá encontra Günsche em pé na porta, para que ninguém incomode Hitler e sua esposa. Ela diz:

“ Heil Günsche eu preciso ver o *Führer*, ele faz sinal de não balançando a cabeça, mas, ela implora – Por favor é urgente! Günsche diz: O *Führer* não quer ser incomodado por ninguém deixou ordens explícitas. Ela se desespera e chorando pede: Por favor! Günsche só um momento, por favor. O militar tenta acalmá-la e atende seu pedido. Bate na porta e anuncia que Fräulein Goebbels está aqui. Em seguida Hitler abre a porta e a esposa de Goebbels se atira nos seus pés, implorando para que ele saia Berlim. Hitler ouve a súplica e diz: Amanhã milhões de pessoas vão me amaldiçoar, mais o destino cumpriu o seu curso”. (A Queda, 2004 1’50:45 até 1’51:47)

O clima dentro do bunker fica tenso e ansioso, mas, é uma ansiedade fúnebre, os oficiais mais chegados a Hitler estão na sala de conferência esperando a notícia do suicídio. Quando se houve um estampido, Günsche e outro oficial vão conferir se realmente houve o suicídio, o diretor não mostra a cena de Hitler morto com um tiro na testa e Eva Braun envenenada. Aparecem os corpos cobertos sendo carregados para serem queimados como ordenou Hitler.



Imagem capturada do filme – Soldados levando os corpos de Hitler e Eva Braun para serem queimados, logo após o suicídio



Imagem capturada do filme – Oficiais fazendo a última saudação nazista

O filme prossegue, a Alemanha perde seu ditador, Adolf Hitler comete suicídio juntamente com sua esposa Eva Braun em 30 de abril de 1945, sua secretária particular Traudl Junge entra nos aposentos de Hitler e ver o cenário do suicídio, ver sangue no chão, alguns projéteis em cima de uma pequena mesa, a possível arma que Hitler utilizou para atirar contra sua própria cabeça, uma bolsa e cachecol que pertencia a Eva Braun, mas, de repente ela sai correndo do local.

O caos toma a capital, gente correndo de um lado para outro, assassinatos sendo cometidos, pessoas bêbadas perambulando por todo lugar e alguns soldados querendo reestabelecer a ordem.

Os generais que sobraram começam a discutir sobre a rendição, Goebbels é contrário o que gera um debate caloroso dentro da sala de conferência do bunker. Os oficiais estão divididos, alguns querem a rendição outros acham que é extremamente humilhante. Uma das cenas marcantes do filme é o envenenamento dos 06 filhos de Goebbels – a cena é chocante, pois, quem faz as crianças beberem o sonífero é a própria mãe a sra. Goebbels. A cena fica dramática quando a última filha se recusa a beber o

que a mãe disse que era remédio. Mas, a garota é forçada e bebe também. Goebbels fica todo tempo do lado de fora do quarto ofegante e pensativo. Depois Goebbels e sua esposa voltam ao quarto e encontram as crianças dormindo – a mãe pega as capsulas de cianeto ou cianureto e faz uma por uma criança a mastigar tal veneno, o som do vidro quebrando nos dentes das crianças é aterrorizador.

Aos poucos todos começam a deixar o bunker – Traudl Junge começa sua fuga, uma espécie de suicídio coletivo toma conta de alguns oficiais. O diretor mostra toda a insanidade do casal Goebbels, além de matarem os 06 filhos envenenados eles cometem suicídio, pois, para eles era impossível viver na Alemanha sem o nacional socialismo.

O exército russo toma por completo a capital Berlim, alguns oficiais da SS mesmo sem ter condições querem impor resistência devido ao juramento que fizeram. A secretária de Hitler termina o filme fugindo com um garoto da juventude hitlerista. A guerra termina em 07/05/1945 com a rendição da Alemanha, dados do filme dizem que a guerra sacrificou 50 milhões de vida, com 06 milhões de judeus mortos nos campos de concentração.

O diretor encerra o filme com trecho do depoimento de Traudl Junge dizendo:

“É claro, as coisas terríveis que eu ouvi no processo de Nuremberg, sobre os 06 milhões de judeus e outras raças que foram mortas, foram fatos que me deixaram profundamente chocada – eu não podia acreditar naquilo, mais eu não conseguia perceber a ligação que havia com o meu próprio passado, eu estava satisfeita por não ser pessoalmente culpada por toda aquela situação e que eu não sabia sobre aquelas coisas. Eu não tinha, não tinha, qualquer conhecimento da gravidade, mas, um dia eu passei perto da placa comemorativa que foi colocada em memória de Sophie’s Choice numa cidade alemã – e eu notei que ela havia nascido no mesmo ano que eu, e foi executada quando eu comecei a trabalhar para Hitler, eu percebi que teria sido possível eu descobrir a verdade”. (A Queda, 2004 2’27:26 até 2’28:38)

CAPÍTULO 3

Cinema e história, uma relação possível do século XX

Fazer história dentro da visão cinematográfica é algo interessante, porque quem faz filmes voltados para a historiografia tem que ter sensibilidade e competência, pois vai relatar algo que já foi feito por terceiros e tem que ter um aprimoramento cada vez melhor. “O cinema descobriu a história antes de a História descobri-lo como fonte de pesquisa e veículo de aprendizagem escolar”. (PINSKY: 2006, p. 240).

O uso do cinema para discutir o passado é uma forma de ter a atenção do público, porque os filmes prendem melhor a atenção, fascinam e causam reflexão, dentro deste conceito Mônica Almeida Kornis (1992, p.239)

Em comunicação inspirada sobretudo nos trabalhos de Marc Ferro, José Luis Werneck da Silva não só reforçou a importância do filme como fonte para o trabalho do historiador, mas também indicou alguns aspectos que devem ser considerados por aqueles que quer lidar com esse tipo de fonte: é preciso reconhecer que existe uma manipulação prévia das imagens, assim como uma articulação da linguagem cinematográfica com a produção do filme e com contexto de sua realização.

Portanto é preciso que o historiador tenha cautela quando da análise de filmes, pois segundo Mônica Almeida Kornis a manipulação e a subjetividade estão presentes e podem comprometer o trabalho do historiador, por isso trabalhar cinema e história é tão complexo.

Esta discussão sobre o uso da imagem e manipulação aconteceu ainda nos tempos do cinema mudo entre os cineastas russos Dziga Vertov e Serguei Eisenstein ambos entendiam que o filme é uma construção. Com base em Mônica Almeida Kornis (1992, p.240)

Para Eisenstein:

[...] o filme seria criado a partir de sua montagem, e não poderia então ser visto como uma reprodução fiel da realidade. Seria uma linguagem criada pela montagem que, segundo ele, nos levaria a uma verdadeira análise do funcionamento da sociedade.

Para Vertov:

[...] o filme não é uma cópia fiel da realidade e sim uma construção feita por seu realizador, ele só admite no cinema documentário a capacidade de

expressar a realidade: a montagem se utilizava das imagens captadas pela câmera sobre uma dada realidade.

Mas polêmicas à parte no ano de 1920, historiadores passam a reconhecer o cinema como fonte de conhecimento histórico, prova disso é o interesse demonstrado por um grupo de historiadores que compareceu ao Congresso Internacional das Ciências Históricas que foi realizado entre os anos de 1926 e 1934.

O cinema ganha força e começa a quebrar tabus, pois as imagens têm fortes significados e compreensões, a iconografia sai do anonimato para disputar espaço com a escrita, que era feita pelos historiadores.

O nazismo foi impulsionado pela máquina propagandista de Hitler, que soube tirar todo proveito de um instrumento que surgiu para expressão e manipulação social.

Este trabalho vem para mostrar que é possível aliar cinema, mesmo que este seja cheio de subjetividade e ficção, com obras escritas por historiadores, e que cinema e história podem ser interligados – o que vale é o dinamismo e multiplicidade por parte do historiador.

Ainda baseado na obra de Monica Almeida Kornis (1992, p.243-244), vejamos o pensamento de Marc Ferro sobre o cinema.

Ferro aponta uma série de elementos que comprovam a importância do uso do cinema como documento histórico e insiste na particularidade do trabalho com esse tipo de fonte. Privilegia também o uso do filme de ficção na análise histórica por julgar vantajosas as possibilidades analíticas que esse gênero traz consigo, como reações críticas, dados sobre frequência aos cinemas e uma variedade de informações sobre condições de produção, nem sempre disponíveis em relação aos cinejornais e aos documentários. Evocando o imaginário, presente para ele em qualquer gênero filmico, como uma das forças dirigentes da atividade humana, procura demonstrar como é através da forma que o filme atua no terreno da imaginação e se estabelece a relação entre autor/tema/espectador. Neste sentido “o imaginário é tanto história quanto História, mas o cinema, especialmente o cinema de ficção, abre um excelente caminho em direção aos campos da história psicossocial nunca atingidos pela análise dos documentos.

Vejamos outro ponto de vista de Marc Ferro acerca das obras fílmicas como documento para serem usados por historiadores. (MORETTIN, 2003, p.14)

[...] Para Ferro, o documento filmico produzido pelo Estado ou por outras instituições difere do documento escrito que possui a mesma origem. O primeiro “traz sem querer uma informação que vai contra as intenções

daquele que filma, ou da firma que mandou filmar”. Não que não haja “lapsos” nos documentos escritos, “mas no filme há lapsos a todo o momento, porque a realidade que se quer representar não chega a esconder uma realidade independente da vontade do operador”

Ele continúa seu raciocínio sobre cinema como fonte histórica. (MORETTIN, 2003, pp. 21-22)

O fato de o cinema não ocupar um lugar de destaque na reflexão histórica naquele momento relaciona-se à própria formação do historiador de então, iniciado “em técnicas de pesquisa válidas para os séculos passados: escapou-lhes que, para a época contemporânea pelo menos, eles dispunham de documentos de um tipo novo, de uma linguagem diferente”.⁴¹ A aceitação do cinema como fonte histórica indica uma mudança de estatuto do historiador na sociedade, assim como mostra a nova utilidade que certas fontes passam a ter em função de sua nova missão. Para o autor, “Segundo a natureza de sua missão, segundo a época, o historiador escolheu tal conjunto de fontes, adotou tal método; mudou como um combatente muda de arma e de tática quando as que usava até aquele momento perderam sua eficácia”.⁴²

Como exemplo disso, cita a historiografia polonesa contemporânea que, na falta de fontes escritas, buscou por meio dos elementos da cultura material “provar a identidade da nação polonesa, seu enraizamento entre as fronteiras que ela indica”.⁴³

Cinema e história tem uma discussão ampla, com a diversificação das fontes históricas, o cinema surge para ilustrar os fatos, dar visão aos acontecimentos históricos, documentar e colocar em evidência tudo que é relevante, o cinema faz isso através dos movimentos, das cenas, com as músicas, com os personagens, com as pesquisas que são realizadas para criação de longas metragens, enfim, com todo o aparato que o cinema possui – diferentemente dos livros, que nos fazem enxergar de forma imaginária. Vejamos o que diz Miriam de Souza Rossini (1999, p.129), doutora em História pela UFRGS no artigo de título: As marcas da história no cinema, as marcas do cinema na história.

O filme, baseado em fatos ou personagens históricos, sempre interessa ao grande público e deveria, igualmente, interessar ao historiador, pois o uso do passado pelo presente nunca se dá de forma ingênua ou descompromissada. Compreender o modo pelo qual o cinema vem reconstruindo a história nas suas narrativas e quais as implicações de tal uso aparece-me como uma das questões centrais sobre a qual os historiadores deveriam se debruçar. Na medida em que um filme tem o poder de produzir um efeito de real tão forte no espectador que o faz tomar a representação pela coisa real (a cena representada), confusão esta que por vezes chega a atingir até o pesquisador,

parece-me que se abre uma possibilidade muito grande de instrumentalização do filme histórico, pois ele não está sujeito às normas de produção histórica de cunho científico. E, por isso, meu interesse sobre esse tipo de filme

Vejamos que uma corrente de historiadores começa uma discussão para abertura das pesquisas sobre as obras fílmicas. A relação entre historiadores e cineastas vai ficando cada vez mais próxima – tendo como base a criação de documentários e longas metragens, aonde diretores e cineastas, recorrem as pesquisas produzidas pelos historiadores, para montagem de suas obras. Essa inter-relação só enriquece o campo da história e vice-versa, pois, ambos saem ganhando.

O filme apresentado neste trabalho é baseado no livro de Joachim Fest – No bunker de Hitler. Os últimos dias do Terceiro Reich - e nas memórias da secretária particular de Hitler, Traudl Junge que foi peça importante para a criação do longa-metragem.

Portanto usando a fundamentação de Oliver Hirschbiegel, Joachim Fest e Ian Kershaw, observamos que história e cinema podem caminhar juntos, mesmo o cinema usando a subjetividade, e em alguns casos criando a ficção. A relação entre ambos é interessante, podendo haver uma complementação no que diz respeito as obras fílmicas. Antes a história narrava os fatos acontecidos, hoje na contemporaneidade além de narrar explica.

Para mostrar essa inter-relação entre história e cinema, vejamos um exemplo de cena que foi dirigida pelo diretor Oliver Hirschbiegel, com base no livro de Joachim Fest. (FEST, 2005, pp. 71-72). E o mesmo fato descrito na obra de Ian Kershaw.

... Em seguida, os informantes explicaram que os inimigos haviam tomado Zossen, ao sul, e marchavam em direção a Stahnsdorf; que eles estavam operando na periferia ao norte da cidade, entre Frohnau e Pankow, e que já haviam avançado até a linha Lichtenberg, Mahlsdorf e Karlshorst. No silêncio que se fez, Hitler perguntou logo sobre o Grupo Steiner. Primeiro, ele recebeu respostas prolixas e, inclusive, contraditórias, até que Krebs, finalmente, teve de confessar que justamente aquele “Ataque Steiner” – elevado à condição de decisivo porque daria uma guinada no destino – jamais acontecera. Após curta e atordoada incubação, a explosão foi implacável.

Num rompante jamais testemunhado por qualquer um dos presentes. Hitler pulou de sua poltrona, atirou sobre a mesa, com um movimento encolerizado, os lápis de cor que sempre mantinha consigo durante os informes e começou a gritar. A sua voz débil e sem vida das últimas semanas recobrou, mais uma vez, algo da sua força original. Procurando as palavras, ele entoou uma espécie de protesto generalizado contra o mundo, a covardia, a infâmia e a infidelidade que havia por todos os lados. Ele injuriou os generais e a contínua resistência com a qual sempre fora confrontado; há anos estaria rodeado de traidores e perdedores. Enquanto todos fitavam o nada, estarecidos. Hitler abria caminho com movimentos descuidados, cambaleando, para cima e para baixo, pela pequena sala. Embora tentasse, diversas vezes, recuperar o sangue-frio, começava logo a esbravejar novamente, completamente fora de si, e batia com o punho cerrado na palma da outra mão, enquanto lágrimas lhe corriam pelo rosto. Sob essas condições, repetia ele, não havia como continuar liderando, suas ordens se dissipavam ao vento, e ele não sabia mais o que fazer. “ Perdemos a guerra”, gritou. “ Mas se crêem que abandonarei Berlim, caros senhores, estão totalmente enganados! Prefiro dar um tiro na cabeça!

Para o historiador Ian Kershaw (2010, p.963-964) o fato ocorreu da seguinte forma

A tempestade vinha se formando havia dias. Ela irrompeu na tarde de 22 de abril, durante a reunião de informações que começou às 15h30. Já no início da sessão, Hitler estava desfigurado, o rosto impassível, embora extremamente agitado, como se os seus pensamentos estivessem em outro lugar. Deixou duas vezes a sala para ir aos seus aposentos particulares. Depois, quando chegaram notícias desanimadoras de que as tropas soviéticas haviam rompido o cordão de defesa interna e estavam nos subúrbios do norte de Berlim, contaram-lhe finalmente – depois de uma série frenética de telefonemas havia elucidado informações contraditórias – que o ataque de Steiner, que ele aguardava com impaciência durante toda manhã, não se efetivara. Diante disso, ele pareceu acordar. Ordenou que todos saíssem da sala de reunião, exceto Keitel, Jodl, Krebs e Burgdorf. Mesmo para aqueles que tinham uma longa experiência de seus ataques de fúria, a diatribe que trovejou pelo bunker pela meia hora seguinte foi um choque. Uma testemunha registrou naquela noite: “Alguma coisa quebrou dentro de mim hoje que ainda não pude entender”. Hitler gritou que fora traído por todos em quem confiava. Vituperou a antiga traição do Exército. Agora, até a ss mentia para ele: depois do fracasso de Sepp Dietrich na Hungria, Steiner não havia atacado. Os soldados não lutavam, as defesas antiaéreas não funcionavam. E, como acrescentou Jodl, ele sabia também que munições e combustíveis acabariam em breve.

Hitler despencou em sua cadeira. A tempestade passou. Sua voz transformou-se praticamente numa lamúria. A guerra estava perdida, soluçou. Era a primeira vez que alguém de sua pequena plateia o ouvia admitir isso. Ficaram mudos. Em consequência, continuou ele, havia decidido ficar em Berlim e comandar a defesa da cidade. Era fisicamente incapaz de lutar e corria o risco de cair ferido nas mãos do inimigo. Assim, no último momento se suicidaria.

Portanto o trabalho aqui proposto é interessante e complexo, pois, ideologias diferenciadas nos remetem a questionamentos. Cabe ao historiador apresentar os fatos, essa apresentação só é possível pela sua dedicação a pesquisa e estudo do tema, e ao cineasta cabe, a responsabilidade de encenar (dar vida, se assim podemos dizer) e criar os movimentos e sons dos fatos pesquisados pelos historiadores.

Vejamos o que Eduardo Victorio Morettin (2003, p.31) fala da reconstituição histórica das obras filmicas.

O autor entende que a principal distinção nos filmes de reconstituição histórica não está na oposição entre “os filmes nos quais a história é o quadro” e os “filmes nos quais a história é o objeto (...), pois a verdade das aproximações em história é infinita”. A diferenciação se faz entre aqueles que se inserem nas “correntes de pensamento dominantes ou minoritárias – e aqueles que propõem, ao contrário, um olhar independente, inovador sobre a sociedade”.⁷⁵

Para justificar o diálogo entre história e cinema, uso como base a obra de Kershaw - Hitler, pois, o livro “conversa” com o filme de Oliver Hirschbiegel e com a obra de Joachim Fest – No bunker de Hitler, os últimos dias do Terceiro Reich, só para exemplificar a relação entre cinema e história. Abaixo segue alguns relatos que foram retratados tanto no filme como nos livros.

Um dos relatos abordados entre as obras é o encontro de Speer com Hitler, aonde Hitler ordena que Speer destrua alguns pontos tidos como cruciais pelo ditador. Tanto na cena do filme quanto na obra de Kershaw (2010, p.946-947), fica claro o quanto Hitler era desumano e implacável.

O primeiro dever dos que dirigiam o país era fazer o que pudessem pela população civil. Mas detonar pontes, com a consequente destruição da infraestrutura de transportes, significaria “a eliminação de toda a possibilidade futura de existência do povo alemão”. Speer concluía: “Não temos o direito, nesse estágio da guerra, de empreender uma destruição que poderia afetar a existência do povo. [...] Temos o dever de deixar ao povo todas as possibilidades de reconstrução no futuro distante”.

Um forte indício da provável resposta de Hitler pôde ser observado na reunião de informações militares daquela noite, quando surgiu o tema de evacuação da população local da zona de combate no Sarre. Apesar da quase total falta de transporte, sua ordem expressa foi de que a evacuação completa deveria ser feita de imediato. Não se podia levar em consideração a população. Algumas horas depois do final da reunião, pouco antes de Speer partir para uma visita às áreas ameaçadas da frente ocidental, Hitler chamou-o. De acordo com o relato de Speer, registrado dez dias depois, o Führer lhe disse friamente que, se a guerra fosse perdida, o povo também estaria perdido, e não havia necessidade de levar em consideração nem sua sobrevivência mais rudimentar. O povo alemão se mostrara o mais fraco durante a luta. Agora sobrariam somente os inferiores. [...] Na opinião de Hitler, qualquer que fosse o custo, não se podia permitir que instalações vitais para a produção industrial caíssem intactas nas mãos do inimigo, como acontecera na Alta Silésia e no Sarre.

A condecoração dos jovens hitleristas é descrita por Joachim Fest (2005, p. 59) no seu livro “No bunker de Hitler - Os últimos dias do Terceiro Reich”: A mesma condecoração é retrata no filme de Oliver Hirschbiegel, foi uma forma de passar para o leitor e espectador um pouco do que foi a juventude hitlerista. Mostrar a questão do patriotismo e devoção pelo *Führer*.

...Em seguida, o *Führer*, acompanhado de Goebbels, Himmler, Speer e Bormann, foi ao jardim atrás da Chancelaria.

Perto da saída, em frente ao terreno cheio de crateras, árvores caídas e restos de troncos, havia um grupo em formação que, tardiamente, ainda queria felicitar o *Führer* uma delegação da divisão “Frundsberg”, da SS, e do exército de Kurland, ambos exaustos; bem como alguns rapazes da Juventude Hitlerista pertencentes a uma “Unidade de Destruição de Blindados”. Curvado e como que encolhido sob seu capote, Hitler foi de fileira em fileira, dando a mão a cada soldado. Depois, foi na direção dos garotos, afagou um ou outro e condecorou-os. Empregando todas as suas forças, acabou dizendo algumas frases e declarou que a batalha por Berlim teria de ser ganha sob qualquer condição. No final, gritou com a voz cansada: “Vivam vocês!”

O historiador Ian Kershaw (2010, p.957) retrata bem na sua obra com título de “Hitler”, o clima tenso dentro do bunker no dia do aniversário de Hitler, não existia clima para comemoração. Essa atmosfera é bem passada para o espectador no filme, o diretor em algumas cenas dentro do bunker mostra a aflição e angústia, mesmo no dia do aniversário de Hitler.

A atmosfera no bunker em 20 de abril de 1945, dia em que Hitler completava 56 anos, era mais fúnebre do que festiva. Não havia sinal da pomba e circunstância de outros anos. As ruínas lúgubres da Chancelaria do Reich eram em si mesmas um lembrete duro, se ainda era necessário, de que não havia motivo para comemoração. O próprio Hitler sentia isso. Seu aniversário, com os russos às portas de Berlim, era – tudo aponta para isso – um constrangimento para ele e para todos os que eram obrigados a cumprimenta-lo pela data.

Tradicionalmente, sua equipe pessoal se reunia para serem os primeiros a congratulá-lo ao soar a meia noite. Dessa vez, Hitler, deprimido, já dissera ao seu criado pessoal Heinz Linge que não queria receber ninguém: não havia razão para cumprimentos. Linge recebeu ordens para transmitir a mensagem.

Uma das partidas mais dolorosas se assim podemos dizer foi a do arquiteto-chefe e ministro do Armamento do Terceiro Reich, Albert Speer, pessoa pela qual Hitler tinha muita admiração. No filme a cena é melancólica, Hitler parece não acreditar que um de seus homens de confiança está partindo.

Segundo a obra de Joachim Fest: (2005, 82-83)

Os sintomas do declínio já se faziam sentir nos círculos mais próximos a Hitler. Nas primeiras horas da noite de 23 de abril, quando Albert Speer, assolado por “sentimentos conflitantes”, voltou ao *bunker* para despedir-se de Hitler, percebeu a negligência que se instaurava na disciplina, através de detalhes reveladores: fumaça de cigarro nas ante-salas, garrafas pela metade espalhadas aqui e ali. Também era raro alguém se levantar quando o *Führer* entrava no recinto ou interromper a conversa quando ele passava.

O próprio Hitler parecia estar melancolicamente sereno e falava da morte como se fosse a redenção. Mesmo quando Speer confessou abertamente que, havia meses, rebelava-se contra as ordens de destruição publicadas e não as executava, Hitler, contrário ao esperado, não se irritou. Ele mais parecia, e isso frequentemente durante esse encontro, entregar-se a lembranças distantes, enquanto seus olhos enchiam-se de lágrimas. Como se tivesse deixado transparecer demais seus sentimentos, Hitler despediu-se de seu hóspede tardio, algumas horas depois, com uma indiferença que beirava uma desfeita e Speer teve a sensação de não mais pertencer a essa realidade. No caminho de volta através dos salões bombardeados daquela Chancelaria, que ele havia projetado seis anos antes, para ser “ o primeiro testemunho arquitetônico do Império da Grande Alemanha”, passou-lhe pela cabeça que, se o *Führer* tivesse chamado o pelotão de fuzilamento para executá-lo, como havia imaginado a princípio, esse teria sido um fim mais adequado para sua vida.

Dentro do filme aos poucos vamos conhecendo alguns oficiais que faziam parte do primeiro escalão nazista – homens que viviam muito perto de Hitler, um desses homens era Hermann Fegelein, casado com a irmã de Eva Braun esposa de Hitler. Segundo Kershaw (2010, p.977) - um sujeito de comportamento não tão convencional para o cargo que exercia.

Nem todos estavam dispostos a participar de um pacto suicida. Hermann Fegelein, o oportunista cínico, mulherengo e fanfarrão que chegara a um alto posto na hierarquia da ss graças ao favor de Himmler e depois selara seus laços com a “corte” de Hitler por meio de um casamento com a irmã de Eva Braun, havia desaparecido do bunker. Sua ausência foi notada em 27 de abril. E, naquela noite, ele foi descoberto em trajes civis em seu apartamento em Charlotte p.nburg, completamente bêbado e com uma boa quantidade de dinheiro guardado em sacos prontos para partir. Ele telefonou a Eva Braun para pedir que intercedesse. (Na verdade, parece que se sentia mais atraído por Eva Braun do que pela irmã dela, e que, já em seu apartamento, mantivera contato com ela tentando persuadi-la a deixar o bunker antes que fosse tarde demais.) Mas não adiantou. Ele foi arrastado de volta ao bunker em profunda desgraça, teve suas divisas arrancadas, foi rebaixado e mantido numa cela improvisada até que Hitler estivesse pronto para vê-lo.

Tanto o filme quanto os livros abordam as diversas reuniões que aconteciam nas salas gélidas do bunker, relatórios eram emitidos quase constantemente, para saber a

localização do exército soviético. Ian Kershaw no seu livro intitulado Hitler (2010, p. 961-962) descreve assim:

Às 9h30 da manhã seguinte, Hitler foi acordado com a notícia de que o centro de Berlim estava sob fogo de artilharia. De início, ele não acreditou e exigiu imediatamente informações de Karl Koller, o chefe do Estado-Maior da Luftwaffe, sobre a posição da bateria de artilharia soviética. Um posto de observação instalado no zoológico da cidade forneceu a resposta: a bateria não estava a mais de treze quilômetros, no subúrbio de Marzahn. O cerco se fechava rapidamente. A informação não ajudou a acalmar o humor cada vez mais explosivo de Hitler. À medida que o dia avançava, ele se parecia cada vez mais com um homem no fim de suas forças, nervos em frangalhos, sob forte pressão, perto do colapso. As reações irracionais, quando se mostrou impossível executar uma cascata de ordens gritadas de forma quase histérica e obter as informações exigidas, apontam nessa direção.

Logo ele estava novamente ao telefone com Koller, dessa vez exigindo saber quantos aviões alemães estavam em ação no sul da cidade. As falhas de comunicação impediam que Koller fornecesse a informação solicitada. Hitler telefonou de novo, dessa vez querendo saber por que os jatos estacionados perto de Praga não haviam entrado em ação no dia anterior. Koller explicou que caças inimigo haviam atacado os campos de aviação de forma tão persistente que os jatos não tinham conseguido decolar. “Então, não precisamos mais dos jatos. A Luftwaffe é supérflua”, respondeu furioso – “Toda direção da Luftwaffe deve ser enforcada imediatamente!

Para o historiador Ian Kershaw (2010, p.981) a notícia de capitulação de um dos generais mais respeitados por Hitler, e todo o Terceiro Reich, foi considerada como alta traição, e Hitler seria implacável.

Para Hitler, foi a gota d'água. Que seu “fiel Heinrich”, cuja ss tinha como lema “Minha honra é lealdade”, quisesse apunhalá-lo pelas costas, era o fim. Era a traição de todas as traições. O bunker uma explosão elementar final de fúria. Todo seu veneno armazenado recaiu sobre Himmler num último espasmo de raiva fervilhante. Tratava-se, gritou, “da mais vergonhosa traição da história da humanidade.

Quando o ataque amainou, Hitler retirou-se para seus aposentos com Goebbels e Bormann para uma longa discussão. Assim que reapareceu, mandou buscar Fegelein e o submeteu a um terrível ataque verbal. O desaparecimento recente do homem de confiança de Himmler parecia ter agora um significado sinistro: participar da abjeta traição planejada pelo *Reichsführer* – SS. As suspeitas paranoicas de Hitler tornaram-se incontroláveis. Himmler estava possivelmente tramando para assassiná-lo, ou entregá-lo ao inimigo. E Fegelein fazia parte do complô.

Vejamos agora como Joachim Fest no seu livro – No bunker de Hitler. Os últimos dias do Terceiro Reich, aborda a traição de Himmler, e como foi o comportamento de Hitler mediante tal notícia. (FEST, 2005, pp. 104-105)

No bunker também se esvaíam, mais e mais, os restos de esperança. Na noite de 28 de abril, quando se ficou sabendo que os russos já haviam alcançado a esquina de Wilhelmstrasse, e que batalhas sangrentas eram travadas na Potsdamer Platz, chegou a notícia, cujos rumores haviam causado inquietação durante todo o dia e , agora, era confirmada pela agência Reuters. Ela iinformava que o comandante-em-chefe da SS, Heinrich Himmler, havia tentando negociar separadamente com as potências ocidentais através do diplomata sueco o conde Folke Bernadotte e estava disposto, inclusive, a uma “rendição incondicional”.

A notícia atingiu Hitler como um soco no estômago. Ele sempre havia considerado Göring corrupto e Speer, que, segundo confidenciara a Artur Axmann, era outra decepção dos últimos tempos, um artista imprevisível e ingênuo. O fracasso de ambos, quando foram postos à prova, já era de esperar, por assim dizer. A traição de Himmler, em contrapartida, que tinha lealdade como lema e como máxima manter o juramento “ à Ordem germano-ariana dos membros da SS”, significava o fim do mundo. “ Ele vociferava como um louco”, descreveu a cena Hanna Reitsch “ficou roxo e quase irreconhecível”. Junto com Goebbels e Bormann, retirou-se para seus aposentos. “ Estava branco feito a neve”, continuaria a piloto, e arriscou “ a imagem de uma vida já extinta.

Finalizando a discussão entre história e cinema, um trecho marcante no filme é o suicídio de Hitler e Eva Braun, cena com uma carga de dramaticidade enorme, quando Hitler se tranca nos seus aposentos com sua esposa Eva Braun, um sentimento de ansiedade e pavor toma conta dos residentes no bunker. Os oficiais aguardam o desfecho da atitude insana de Hitler com uma certa ansiedade – e de repente houve-se o

tiro, imediatamente seu ajudante particular Günsche vai conferir se ambos estão mortos, e ele anuncia “o *Führer* está morto”, em seguida ele vai cumprir as últimas ordens dadas pelo ditador quando em vida, que era queimar os corpos dele e sua esposa. Ian Kershaw (2010, p.991-992) descreve o acontecido quase igual as filmagens do diretor Oliver Hirschbiegel.

Otto Günsche, o ajudante pessoal de Hitler encarregado de supervisionar a queima dos corpos, assumiu nas escadas e levou Eva Braun até o jardim. Depositou os corpos lado a lado, com Eva Braun do lado direito de Hitler, sobre um pedaço de terreno plano, abertos e arenoso, distante apenas três metros da porta do bunker. Era impossível procurar um lugar mais adequado. Até mesmo aquele ponto, perto da porta do bunker, era extremamente perigoso, uma vez que continuava a cair uma chuva de obuses soviéticos em toda área, inclusive no próprio jardim. O general Hans Krebs, último chefe de Estado-Maior de Hitler, Wilhelm Burgdorf, seu ajudante da Wehrmacht, Joseph Goebbels, recém designado chanceler do que restava do Reich, e Martin Bormann, recém nomeado ministro do partido, seguiram o pequeno cortejo e participaram do extraordinário funeral, testemunhando a cena macabra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS 4

A análise feita durante a pesquisa, mostra que a relação de história e cinema é algo bem interessante e atrativa. Buscar essa relação do cinema com a história no contexto de uma das figuras, mais emblemáticas e odiadas do século XX, que foi Adolf Hitler, é instigante e desafiador, pois, o tema proposto no trabalho não é inovador, mas, nem por isso deixa de ser atrativo, o nazismo é quase uma fonte inesgotável de pesquisa. Tentar entender Hitler é impossível – procurar desvendar um pouco os mistérios que o cercavam é algo que podemos fazer, sendo assim, criamos certos entendimentos, para dar algumas respostas as perguntas que não querem calar. Exemplificando, como Hitler deu certo? Todos eram a favor do ditador? O trabalho contribui para mostrar o poder da comunicação, seja ela escrita ou filmada – Hitler soube bem usar esse poder à seu favor, os filmes e livros tem esse poder, atraem e alcançam multidões.

Resultado da pesquisa foi mostrar a proximidade e distanciamento entre cinema e história, a subjetividade que o cinema tem e que afasta alguns historiadores. Mas, tabus são quebrados, cada vez mais historiadores e cineastas caminham juntos. Produzindo obras que servirão de fonte de pesquisa para as gerações vindouras. No caso do nazismo e de Hitler a pesquisa trouxe resultado no quesito de mostrar diversos lados do ditador como exemplo: o político que ele foi, o estadista, o implacável, o ser humano, o sonhador, o cruel e perverso, etc. deixando de lado o holocausto, não que o holocausto não tenha sido importante, mostrou também um pouco a intimidade, através de pessoas que viveram no círculo de amizade de Hitler.

O objetivo foi alcançado devido o entendimento que a pesquisa proporcionou – o entendimento tirado do trabalho, é que, é possível usar o cinema como fonte, basta o historiador saber tirar a subjetividade que o cinema propõe, saiba analisar as cenas, o filme não é a realidade por completa, mas, sim alternâncias entre o real e a ficção .

A revisão bibliográfica foi muito importante para o desenvolvimento e entendimento do trabalho - trabalhar com autores renomados como: Dick Geary, Alcir Lenharo, Ron Rosenbaun, Joachim Fest, Ian Kershaw, Martin Claret, John Lukacs, etc. Só enriquece o conhecimento, além da boa fundamentação que o trabalho ganha e a

discussão teórica é bastante ampla com historiadores renomados e de grande credibilidade.

Os artigos também foram de suma importância para o trabalho, os autores contribuíram muito para o embasamento da pesquisa, com temas sobre cinema e história, ajudaram na pesquisa – foi interessante trabalhar estes autores: Mônica Almeida Kornis, Eduardo Victorio Morettin, Mirian de Souza Rossini, entre outros. Todos os artigos muito bem escritos e fundamentados por outros autores.

Os sites pesquisados ajudaram no entendimento das siglas, de pessoas que foram citadas no texto, de algum conceito histórico que apareceu durante a escrita. Foi importante para colocar os significados nas notas de rodapé, dando assim mais clareza ao texto e propondo ao leitor uma rápida pesquisa ao conteúdo do site, fazendo do trabalho algo confiável e de referência.

Com a importância da pesquisa, seria interessante fazer um estudo mais aprofundado das mulheres no nazismo, pois, pouco é discutido entre os autores da temática, as mulheres são citadas em relatos rápidos – o filme usado como fonte para este trabalho, aborda como mais foco a questão feminina, dentro do que foi o nazismo. Vejamos o exemplo da secretária particular de Hitler, sua esposa Eva Braun, Marta Goebbels e outras que aparecem para compor o filme.

O objetivo geral do trabalho foi atendido quando confrontado os autores da temática e o filme usando como fonte, a inter-relação entre história e cinema foi discutida e apresentada ao longo do trabalho. A figura de Hitler foi mostrada tanto pelo lado escrito, como pelo lado filmico.

BIBLIOGRAFIA

CLARET, Martin. **Hitler por ele mesmo**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2006.

FEST, Joachim. **No bunker de Hitler: Os últimos dias do Terceiro Reich** / Tradução de Jens e Patrícia Lehmann. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

GEARY, Dick. **Hitler e o nazismo**/ Dick Geary; tradução de Alexandre Kappaun – São Paulo: Paz e Terra, 2010. 120p.

KERSHAW, Ian. **Hitler** / Ian Kershaw; tradução Pedro Maia Soares – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KORNIS, Mônica Almeida. **HISTÓRIA E CINEMA: um debate metodológico/Estudos Históricos** – Rio de Janeiro, vol. 5, n, 10, 1992, p. 237-250.

LENHARO, Alcir. **Nazismo: O triunfo da vontade**. São Paulo, Ática 1986.

LUKACS, John. **O Hitler da História**. Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, 250p. – Francisco César Alves Ferraz

MORETTIN, Eduardo Victorio. **O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro: História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 38, p. 11-42, 2003. Editora UFPR

PAUBEL, Emerson F.C (2010)

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas/ 2. ed.** – São Paulo: Contexto 2006.

ROSENBAUM, Ron. **Para entender Hitler: a busca das origens do mal** / Tradução de Eduardo Francisco Alves. – 4ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2005

ROSSINI, Mirian de Souza. **As marcas da história no cinema, as marcas do cinema na história: Anos 90**, Porto Alegre, n.12, dezembro de 1999.

SITES UTILIZADOS

<http://www.sohistoria.com.br/ef2/versalhes/> - acessado em 05/08/2016.

www.usp.br/jorusp/arquivo/2006/jusp783/pag1213.htm - acessado em 07/08/2016.

<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/republica-weimar.htm> - acessado em 07/08/2016.

<http://www.infoescola.com/economia/plano-dawes/> - acessado em 07/08/2016

<http://acontecidodia.com/noite-facas-longas-30-6-1934/> - acessado em 08/08/2016.

<http://www.brasilecola.com/historiag/tratado-versalhes.htm> - acessado em 21/11/2011.

<https://www.youtube.com/watch?v=VCSwIfSoe34> – acesso em 14/08/2017

<http://www.revistacontemporaneos.com.br/n2/pdf/A%20quedafinal.pdf> – acessado em 16/07/2017

<https://omelete.uol.com.br/personalidades/traudl-junge/> acessado em 29/09/2017

<http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/> - acessado em 12/09/2017.

<http://www.infoescola.com/biografias/heinrich-himmler/> - acessado em 18/09/2017

<http://www.infoescola.com/historia/juventude-hitlerista/> - acessado em 19/09/2017.

http://www.bepeli.com.br/educacional/guerras/biografia_personagens_2_guerra/albert_speer/albert_speer.html - acessado em 22/09/2017

<https://educacao.uol.com.br/biografias/hermann-goring.htm> - acessado em 29/09/2017

*** Imagens capturadas do filme através do programa de computador que ler mídia.**